



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



PEDRO HENRIQUE TORRES AMÉRICO

China e Taiwan após o conflito (1995 – 1996) e o papel norte-americano: uma abordagem geopolítica e estratégica.

Niterói
2022

PEDRO HENRIQUE TORRES AMÉRICO

China e Taiwan após o conflito (1995 – 1996) e o papel norte-americano: uma abordagem geopolítica e estratégica.

Trabalho de conclusão de curso de MBA apresentado ao Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense com parceria ao Centro de Instrução Sylvio de Camargo (Marinha do Brasil) como requisito parcial para a obtenção de título de MBA em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Heleno

Niterói
2022

**Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações
Internacionais
(Monografia)**

Título do Trabalho: China e Taiwan após o conflito (1995 – 1996) e o papel
norte-americano: uma abordagem geopolítica e estratégica.

Aluno: Pedro Henrique Torres Américo

Avaliadores

Avaliador 1: Prof. Dr. Eduardo Heleno

Avaliador 2: Prof. Dr. João Rafael Gualberto Moraes

Notas dos avaliadores	
Nota 1	10,0
Nota 2	10,0

Ao Criador.

À Sabedoria, que guia o Ser Humano.

À minha amada esposa Carolina, pela
compreensão e apoio.

À minha filha Maria Sofia, com todo amor e
carinho.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise geopolítica sobre a grande estratégia chinesa, a estratégia americana para o pacífico e a estratégia de Taiwan. Tendo como ponto fulcral da análise a terceira crise do estreito de Taiwan e o desenrolar dos fatos a partir dela. Primeiro, fazemos uma exposição sobre o que foi a terceira crise do estreito de 1995-1996. Depois, apresentamos um estudo sobre a grande estratégia chinesa. Em terceiro, abordamos as estratégias taiwanesa e americana. Seguiremos com uma comparação de forças entre EUA e China em um possível cenário de conflito a partir da análise do estudo feito pela *RAND Corporation* em 2015. Finalmente, na conclusão, após toda as análises feitas, buscamos tentar responder à pergunta objetivo: o que mudou na relação China-Taiwan, a partir da crise de 95-96 e de que maneira essa mudança afetou a estratégia taiwanesa, chinesa e americana para a região?

Palavras-chave: EUA, Taiwan, China, Estratégia, Geopolítica, Crise, Pacífico, Conflito.

ABSTRACT

The present work is a geopolitical analysis of the Chinese grand strategy, the American strategy for the Pacific and the Taiwan strategy. The central point is the analysis of the third crisis of the Taiwan Strait and the unfolding of the facts from it. Firstly, we made an exposition about what was the third crisis in the Strait of Taiwan (1995-1996). Second, a study of Chinese grand strategy is carried out. Third, we address the Taiwanese and American strategies. Fourth, we compare the forces between the US and China in a possible conflict scenario based on the analysis of the study carried out by the RAND Corporation in 2015. In the conclusion, after all the analyses carried out, we seek to answer the question: what has changed in the relationship of China and Taiwan since the 95-96 crisis and how has this change affected the Taiwanese, Chinese and American strategy for the region?

Keywords: USA, Taiwan, China, Strategy, Geopolitics, Crisis, Pacific, Conflict.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	1
MOTIVAÇÃO E PERTINÊNCIA	Erro! Indicador não definido.
ESTRUTURA DO TRABALHO	2
1. A CRISE DE 1996	5
2. A GRANDE ESTRATÉGIA DA CHINA	12
2.1 A GRANDE ESTRATÉGIA DE 1993.....	17
2.2 ALTERAÇÕES A PARTIR DE 2004.....	19
2.3 CENÁRIO ATUAL	21
3. A GRANDE ESTRATÉGIA DE TAIWAN – EUA.....	23
3.1 RELAÇÃO TAIWAN – EUA.....	24
3.2 ESTRATÉGIA AMERICANA PARA A ASIA E O PACÍFICO	26
3.3 A ESTRATÉGIA TAIWANESA	27
4. COMPARAÇÃO DE FORÇAS E DESDOBRAMENTOS	30
4.1 COMPARAÇÃO DE FORÇAS	30
4.2 DESDOBRAMENTOS	37
CONCLUSÃO	40
BIBLIOGRAFIA.....	44

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa das áreas delimitadas para a condução das operações do EPL	8
FIGURA 2 – Mapa das áreas delimitadas para a condução das operações do EPL em 2022 comparadas com as áreas em 1995-96	10
FIGURA 3 – Trajetória dos mísseis lançados em 2022	11
FIGURA 4 – Balanço de Forças Estados Unidos-China	32
FIGURA 5 – Ameaça da segunda artilharia chinesa as bases aéreas no pacífico do Oeste	33
FIGURA 6 – Cobertura aérea da defesa antiaérea e dos mísseis superfície-ar chineses .	35

INTRODUÇÃO

OBJETIVOS

O objeto desse estudo é buscar entender a relação entre China e Taiwan, vista sobre a perspectiva da influência americana e do período compreendido entre a década de 90, principalmente após terceira crise do estreito de Taiwan (1995 – 1996). A partir dessa análise, buscamos responder à pergunta: **o que mudou na relação China-Taiwan, a partir da crise de 95-96 e de que maneira essa mudança afetou a estratégia taiwanesa, chinesa e americana para a região?** Para isso, investigaremos, à luz da bibliografia: **o que foi o conflito entre China e Taiwan de 1995-1996, qual a estratégia chinesa a partir da década de 90; qual a estratégia taiwanesa e qual a estratégia americana para o pacífico.** A partir desses estudos, utilizaremos o método comparativo de variáveis para analisar o cenário e chegar a uma possível resposta sobre a questão central.

JUSTIFICATIVA

No mundo contemporâneo, é essencial a capacidade de conseguir entender os motivos que levam um Estado a entrar em conflito com outro, a fim de combater essas causas e, se possível, evitá-las. A humanidade não pode correr o risco de entrar em um novo conflito armado de grande escala, devido ao risco iminente de sua própria extinção. Afinal, a possibilidade de uma nova guerra global ser capaz de destruir o planeta é ponto pacificado por qualquer estudioso de Relações Internacionais desde a guerra fria, período em que surge o conceito de “Destruição Mútua Assegurada”, cunhado por Donald Brennan. (DEUDNEY, 1983)

Estudaremos as relações geopolíticas e estratégicas entre China e Taiwan principalmente a partir do conflito de 1995-1996, bem como o papel americano nessa interação. O assunto é de relevância global devido aos recentes atritos entre Estados Unidos da América (EUA) e China com relação a Taiwan e a possíveis consequências desses atritos, principalmente levando-se em consideração a maior simetria no atual equilíbrio de poder relativo entre China e Estados Unidos e a recente escalada das tensões entre China, Taiwan e EUA, após a visita de Nancy Pelosi (presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos) à ilha Formosa. Tudo isso, contribui para dar luz à relevância, motivação e pertinência do presente trabalho

Outro fator de relevância que motiva esse estudo, é a atual guerra na Ucrânia, pois, com os olhos do ocidente voltados para a Europa somado ao posicionamento divergente entre China e Estados Unidos sobre o conflito, é possível que Taiwan se torne mais vulnerável a coerção chinesa ou até que essa coerção se intensifique. Apesar disso, é importante ressaltar

que o teatro do mar do sul da china é diferente do teatro europeu, tão complexo quanto e o posicionamento americano difere em vários aspectos, porém a relevância comparada permanece.

Por fim, esse estudo busca contribuir para o aprofundamento do conhecimento acadêmico, em língua portuguesa, sobre a discussão proposta.

ESTRUTURA DO TRABALHO

No primeiro capítulo, abordaremos os principais eventos que levaram ao desenrolar da terceira crise no estreito de Taiwan em 1995-96. Considerando como principais fontes a obra “*Dangerous Strait*” de Tucker (2005) e a dissertação de Wagner Machado, apresentada à Escola de Guerra Naval em 2020. Por fim, faremos um breve paralelo com a atual crise que ocorre em 2022.

No segundo capítulo, analisaremos a grande estratégia da China a partir de 1993. Para isso, iniciaremos com o breve histórico sobre os principais eventos geopolíticos ocorridos na China, desde 1949, para podermos entender melhor a sua relação com os Estados vizinhos e com os Estados Unidos. Teremos como principal referência o livro “Sobre a China”, de Henry Kissinger (2011). Em seguida, abordaremos as principais alterações estratégicas chinesas a partir de 1993. Nesse último escopo, estudaremos: a influência da Guerra do Golfo sobre a grande estratégia militar chinesa; a influência da Guerra do Iraque (2003), principalmente para a alteração da grande estratégia em 2004; e a nova importância dada pela Comissão Militar Central (CMC) da República Popular da China (RPC) à integração de operações conjuntas em um cenário de guerras limitadas com a utilização de tecnologias da informação. Nesse aspecto, nossa principal referência é o livro “*Defesa Ativa: A Estratégia Militar da China, desde 1949*”, de Taylor Fravel (2019, tradução nossa¹), que pontua, em seus capítulos 6 e 7, que a análise chinesa sobre a Guerra do Golfo e da Guerra do Iraque revelou uma significativa mudança na sua conduta da guerra. De modo geral, influenciada por esses conflitos e outros aspectos políticos, a China passou a investir mais no uso de tecnologias da informação que apoiem o comando e controle de operações militares conjuntas integradas. (FRAVEL, 2019) Por fim, será feita uma breve análise do cenário atual e apresentaremos uma breve comparação de forças entre China e EUA. No entanto, é importante ressaltar que essa análise final ficará prejudicada, do ponto de vista acadêmico e metodológico, devido à proximidade temporal e à dificuldade encontrada ao se analisar acontecimentos recentes e seus motivos explícitos e implícitos.

¹ Do original: “*ACTIVE DEFENSE: China’s Military Strategy, since 1949*”.

No terceiro capítulo, abordaremos a relação de Taiwan com os Estados Unidos, especificando a importância estratégica de Taiwan para os Estados Unidos da América e a importância da indústria taiwanesa para os norte-americanos. Para isso utilizaremos a obra *“Estreito Perigoso / A crise de EUA-Taiwan-China”* de Nancy B. Tucker (2005, tradução nossa²), como principal fonte. Abordaremos também a estratégia americana para o pacífico sob a ótica da sua disputa por influência com a China continental (RPC), utilizando como principal fonte os relatórios do Departamento de Defesa estadunidense. Por fim, especificaremos as estratégias da Ilha Formosa para se defender da ameaça continental, bem como explicitaremos alguns conceitos como o de “escudo de silício”, utilizaremos o artigo “Guerra da Ucrânia está motivando Taiwan para melhor assegurar o seu próprio futuro” (2022, tradução nossa³), de Derek Grossman, escrito para a RAND Corporation como principal fonte desse subcapítulo.

No quarto capítulo, faremos uma comparação das forças americanas e chinesas aprofundando a análise do relatório da RAND Corporation. Nesse aprofundamento, iremos de forma sucinta abordar todos os dez domínios levantados pela RAND em um possível cenário de confronto entre os EUA e a República Popular da China (RPC). Concluindo, traremos para reflexão alguns aspectos geopolíticos relevantes relacionados à questão de Taiwan e que devem ser levados em conta antes de iniciarmos as nossas conclusões.

Na conclusão, daremos um panorama geral sobre as principais consequências da crise de 1996 e seus impactos na relação sino-americana, bem como levantaremos algumas hipóteses sobre os prováveis desdobramentos para o cenário atual, pelo prisma do ponto de vista político e estratégico. De modo geral, baseado nas informações e dados apresentados ao longo desse estudo, tentaremos responder aqui a seguinte pergunta: **o que mudou na relação China-Taiwan, a partir da crise de 95-96 e de que maneira essa mudança afetou a estratégia taiwanesa, chinesa e americana para a região?**

Essa pesquisa se baseia em estudos realizados anteriormente sobre a relação China-Taiwan, feitas pela Escola Superior de Guerra, bem como em outros estudos realizados no meio acadêmico brasileiro, com foco em teses e dissertações de Relações Internacionais e Estudos Estratégicos. O fundamento teórico se dará principalmente pelas obras: *“Sobre a China”*, de Henry Kissinger (2011); e *“Defesa Ativa”*, de M. T. Fravel (2019).

Será utilizada principalmente a metodologia histórica, com a análise dos fatos ocorridos de 1992 até a atualidade, mas também serão abordados elementos do método

² Do original: *“Dangerous strait / The U.S.-Taiwan-China crisis”*.

³ Do original: *“Ukraine war is motivating Taiwan to better secure its own future”*.

estatístico (na comparação das forças militares) e do método comparativo (ao analisar o problema na ótica chinesa, taiwanesa e americana).

Em suma, analisaremos as alterações da relação entre China e Taiwan e, baseado em nossos levantamentos, analisaremos como a crise de 1996 e a relação entre Estados Unidos e Taiwan influenciam essa relação.

1. A CRISE DE 1996

Nesse capítulo iremos abordar os principais eventos que levaram ao desenrolar da crise no estreito de Taiwan em 1995-96. Consideraremos como principais fontes a obra “*Dangerous Strait*” de Tucker (2005) e a dissertação de Wagner Machado, apresentada à Escola de Guerra Naval em 2020. Para introduzir o assunto, trazemos o que Mao fala sobre Taiwan, segundo Kissinger, em sua obra “Sobre a China”:

“São um bando de contrarrevolucionários. Como poderiam cooperar conosco? Digo que podemos nos virar sem Taiwan por ora, e deixar passar mais cem anos. Não devem cuidar dos problemas deste mundo tão rapidamente. Por que é necessário ter tanta pressa? Não passa de uma ilha com uma população de uma dezena de milhões ou um pouco mais”. (2011, pág. 182)

Por outro lado, décadas depois, em 1995, o então presidente de Taiwan, Lee Teng-Hui, diz em um aclamado discurso na Universidade de Cornell, EUA:

“Hoje estamos entrando em uma nova era pós-Guerra Fria, onde o mundo está cheio de muitas incertezas. O comunismo está morto ou morrendo, e os povos de muitas nações estão ansiosos para tentar novos métodos de governar suas sociedades que melhor atendam às necessidades básicas que todo ser humano tem. Há muitas armadilhas nesta busca por uma nova lógica, e o homem deve se esforçar para fazer as escolhas certas com toda a sabedoria e diligência que ele pode ter. [...] O povo da República da China em Taiwan está determinado a desempenhar um papel pacífico e construtivo entre a família das nações.” (Universidade de Cornell, 1995)⁴

A crise de 1996 teve um profundo impacto, pois significou que China e EUA poderiam ter entrado em guerra. Pode-se dizer que o conflito teve suas causas iniciais na concessão de um visto estadunidense ao presidente Lee Teng-Hui, em maio de 1995. Logo após a concessão, houve protestos da República Popular da China (RPC ou China continental), inclusive com a volta do embaixador chinês para a China, o corte nos diálogos sobre o estreito de Taiwan e o lançamento de uma série de exercício militares. (TUCKER, 2005)

Lee encarnava tudo que Pequim detestava em um político de Taiwan. Ele crescera sob a colonização japonesa da ilha, assumira um nome japonês, estudara no Japão e servira no Exército Imperial japonês durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, recebera educação avançada nos Estados Unidos, na Universidade de Cornell. (KISSINGER, 2011, pág. 296)

Em sua visita, Lee foi homenageado na Universidade de Cornell, na qual proferiu um discurso em prol da democracia, destacando o crescimento econômico que a Ilha Formosa havia tido nas últimas décadas, além de solicitar um maior reconhecimento internacional. Embora a

⁴ Do original: “Today we are entering a new post-Cold War era, where the world is full of many uncertainties. Communism is dead or dying, and the peoples of many nations are anxious to try new methods of governing their societies that will better meet the basic needs that every human has. There are many pitfalls in this search for a new rationale, and Man must strive to make the right choices with all the wisdom and diligence he can command. [...] The people of the Republic of China on Taiwan are determined to play a peaceful and constructive role among the family of nations.” Retirado do vídeo original disponível em <https://www.c-span.org/video/?65610-1/cornell-university-alumni-reunion>. <acesso em 19/08/2005>

República da China (governo de Taiwan) tenha sido retirada da cadeira chinesa das Nações Unidas, em 1971, ela manteve uma rede internacional de laços econômicos, principalmente com os EUA. Segundo Machado: “antes do embarque para os EUA, Lee havia anunciado que estava preparando um investimento de US\$ 1 bilhão a fim de assegurar sua entrada para a Organização das Nações Unidas (ONU). [...] A postura de Lee sugeria um novo objetivo político: o reconhecimento da República da China (RC) pela ONU.” (MACHADO, 2020)

Em reação ao discurso de Lee, o líder chinês Jiang Zemin, que até então estava tratando a situação de Taiwan de forma cautelosa, decidiu tomar ações mais enérgicas contra Taipei. Segundo Machado: “Alguns oficiais de alta patente chegaram a defender a ideia de um ataque rápido contra Taiwan usando força sobre alvos militares específicos em vez de uma escalada gradual da pressão militar. [...] Caso Jiang não cedesse à pressão dos militares, sua continuação como líder supremo estaria em risco.” Foi decidido, em resposta às ações de Lee, que o EPL iria realizar um treinamento de mísseis guiados de superfície para superfície em julho de 1995, porém a zona de impacto seria a cerca de 80 milhas náuticas ao nordeste de Taipei. Durante três dias consecutivos (21, 22 e 23 de julho) um total de seis mísseis foram lançados. (MACHADO, 2020)

É importante observar que o treinamento era uma mensagem clara à Ilha Formosa, uma vez que o local onde foram lançados os mísseis indicava que o EPL teria capacidade para lançar seus mísseis em qualquer parte da ilha. Após os lançamentos de julho, o RPC anunciou novos treinamentos, para uma operação conjunta entre a Marinha do Exército Popular da Libertação (MEPL) e a Força Aérea do Exército Popular da Libertação (FAEPL), para agosto de 1995, em uma área a 140 km ao norte de Taiwan. O segundo exercício foi bem mais complexo, exigindo diversos níveis de coordenação e interação entre as duas forças. Além disso, a China realizou um teste nuclear subterrâneo em 18 de agosto de 1995 (MACHADO, 2020). Apesar disso, segundo Machado: “o conceito de persuasão nuclear é abstrato devido à desproporcionalidade do dano, o que faz com que a ameaça nuclear, durante a crise, acabe não se tornando crível.” (2020, p. 25)

No final de 1995, alguns líderes do Partido Nacionalista Chinês (Kuomintang - KMT), que governava Taiwan, retiraram-se do partido, afirmando que as operações realizadas pela RPC eram prova da imprudência do presidente Lee, indicando que as ações da RPC geraram um claro impacto na política interna de Taiwan. (MACHADO, 2020)

Em resposta aos exercícios realizados pela RPC, em dezembro de 1995, foi decidido que a Força Tarefa Nucleada no Porta-Aviões USS Nimitz passasse pelo interior do estreito de Taiwan em seu deslocamento para o Golfo Pérsico, algo que não ocorria desde janeiro de 1979.

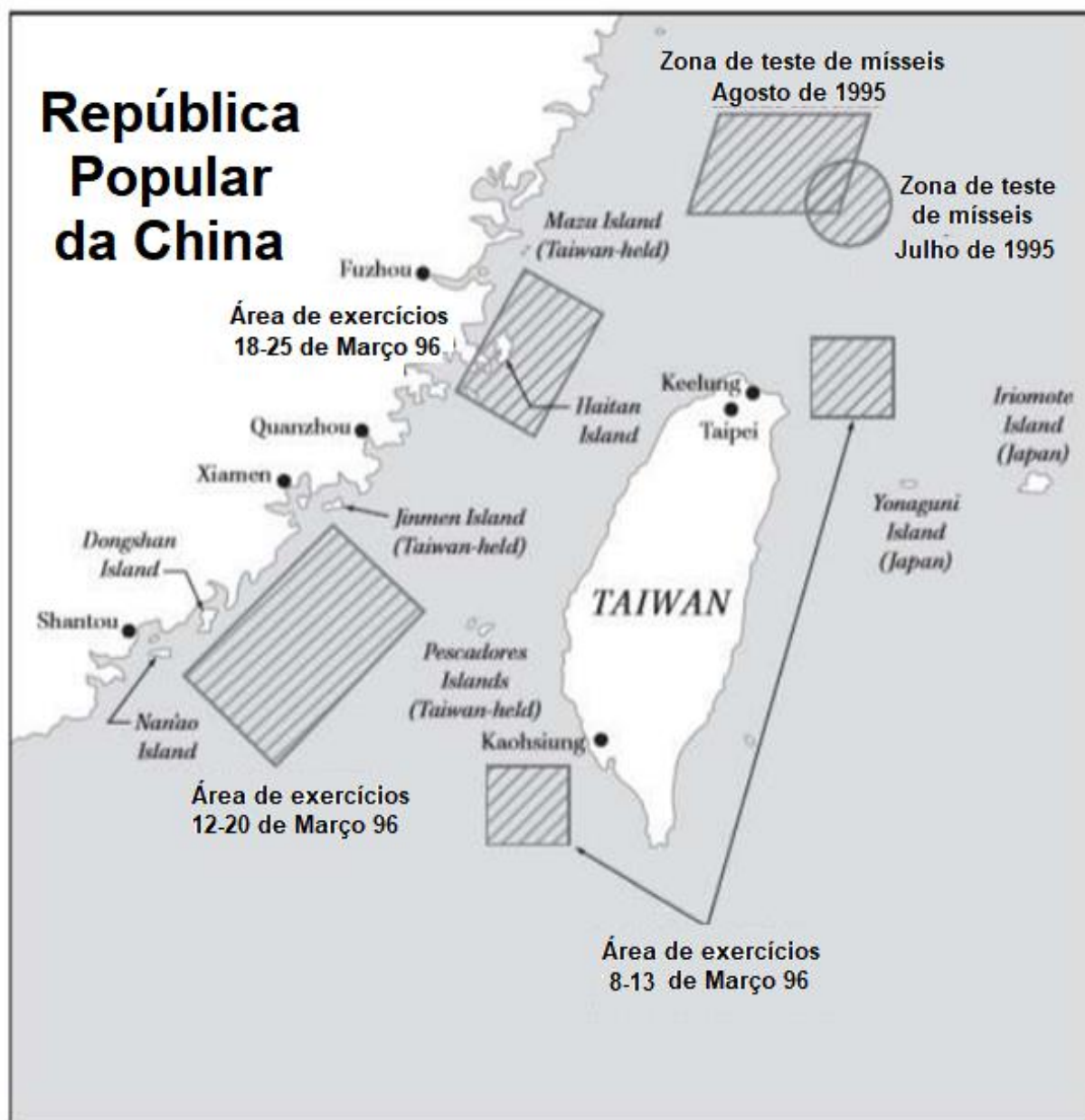
A fim de não escalar ainda mais as tensões, os Estados Unidos alegaram mal tempo como motivo da passagem pelo estreito. (MACHADO, 2020)

Pouco tempo depois, o EPL anuncia que em março iria realizar novos exercícios. Dessa vez, eles seriam conduzidos a 55 quilômetros a leste do Porto de Keelung e a 87 quilômetros a oeste do porto de Kaohsiung. É importante salientar que esses exercícios seriam realizados próximo de rotas aéreas e marítimas, diferentemente dos exercícios anteriores. Esses novos exercícios parecem uma clara demonstração de como eram vulneráveis as linhas de comunicação marítimas da ilha. Segundo Machado: “na época, 70% do comércio de Taiwan passava pelos portos “alvos”. Além disso, a trajetória dos mísseis direcionados ao porto Keelung passava perigosamente nas proximidades de Taipei”. (2020, pág. 28)

Após dois dias da divulgação dos exercícios, o vice-ministro das Relações Exteriores da RPC Liu Huaqiu foi enviado para Washington para esclarecer detalhes sobre os lançamentos. Essa postura foi inédita e indicou o alto nível de importância que Pequim atribuía ao esclarecimento de suas intenções sobre Taiwan para Washington (SCOBELL, 1999). As zonas de impacto escolhidas eram mais próximas de Taiwan e extremamente sensíveis para navegação. Na época, o governo norte-americano interpretou que as ações anunciadas poderiam ser um ataque de mísseis à ilha. A divulgação dessas áreas elevou demasiadamente o nível de tensão na crise, o que obrigou a RPC a esclarecer, por via diplomática, que os testes não constituíam um ataque. Entre 8 e 13 de março, foram disparados quatro DF-15, três na zona de Kaohsiung e um na zona Keelung. (MACHADO, 2020, pág.28)

Esses exercícios programados para março deixam claro que a passagem do USS Nimitz não foi o suficiente para dissuadir a RPC a parar com os exercícios. Dessa forma, os EUA enviaram duas forças tarefas nucleadas por dois porta aviões em resposta à ameaça dos exercícios em 1996. Além disso, segundo Tucker, Joseph Nye, assistente do secretário de defesa, disse a oficiais militares da China que “ninguém sabe” o que os EUA iriam fazer em uma eventual escalada militar no Estreito de Taiwan. Para exemplificar ele citou o caso da Coreia, na qual seis meses antes do início do conflito, na década de 50, os EUA haviam afirmado que a Coreia estaria fora de seu perímetro defensivo, mas, mesmo assim, intervieram após a invasão norte coreana. (TUCKER, 2005)

Figura 1: Mapa das áreas delimitadas para a condução das operações do EPL



Fonte: Graver, 2002, pág. 624. (Tradução nossa)

Segundo Machado,

“o envio de navios de guerra alterou a percepção do eleitorado taiwanês com relação ao compromisso norte-americano em impedir uma incorporação forçada de Taiwan, dado que Lee obteve uma vitória considerável nas eleições. A decisão de emprego de navios de guerra ilustrou a necessidade de ativar uma dissuasão no intuito de estabelecer o limite para as atividades militares do EPL, ou seja, Washington não admitiria uma agressão militar em Taiwan. Caso não houvesse o deslocamento dos navios, a ameaça dos EUA perderia a credibilidade.” (2020, pág. 37).

Do ponto de vista de Tucker, no entanto,

“de fato, os navios de guerra enviados a Taiwan davam uma mensagem clara sobre o interesse dos EUA na paz, mesmo que Washington se recusasse a definir com precisão a missão desses navios. Para alguns observadores esse ato havia dado fim à

ambiguidade americana, seja para o bem, seja para o mal. Para outros, esse cenário ilustra perfeitamente a ambiguidade das ações americanas.” (2005, pág. 197, tradução nossa) ⁵

Assim sendo,

“a manobra da crise de Taiwan ilustrou como a diplomacia coercitiva pode ser utilizada para alterar o comportamento de governos e sociedades. As operações de não-combate conduzidas pelo EPL tinham a finalidade de alterar a conduta do presidente e da sociedade taiwanesa, ao passo que a movimentação das forças navais estadunidenses manifestou o comprometimento do governo norte-americano com a solução pacífica da crise e estabeleceu um limite para as operações militares da RPC. [...] Na perspectiva da evolução para um conflito armado, é perceptível que ambos os lados utilizaram as forças militares para defender seus interesses políticos-estratégicos, sem, contudo, pretenderem uma evolução para o conflito declarado. Tal fato, é confirmado pela prioridade do emprego virtual por ambos os lados” (MACHADO, pág. 36)

O cenário da terceira crise do estreito mostra como uma complexa relação de interdependência econômica pode influenciar a política entre nações. Podendo, assim, criar uma forma de diplomacia ambígua entre elas que, por sua vez, influencia na tomada de decisão, bem como na criação de um cenário onde nações agem de forma indireta ou até direta, a fim de influenciar a opinião de outras em favor de seus interesses. Claro que não se pode afirmar que as divergências ideológicas entre China e EUA, estão abaixo de seus interesses econômicos. No entanto, é fato que não tivemos um confronto direto entre EUA e China ou Taiwan e China, apesar da tensão ter existido e, a sua maneira, cada nação ter testado os limites uma da outra a fim de saber até onde poderiam agir sem escalar a crise de forma irreversível. No fim da crise, talvez possa se dizer que a China saiu perdedora em diversos aspectos, mas ao mesmo tempo não se pode negar que suas ações foram ouvidas e tiveram um impacto local, talvez esperado ou até desejado pela RPC. Lembremos da paciência chinesa refletida nas palavras de Mao, no início desse capítulo.

Coincidentemente, a história parece se repetir em 2022, após a visita de Nancy Pelosi (presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos) à ilha Formosa. A grande diferença atualmente é que a China conduziu teste em áreas que incluem as bordas de águas jurisdicionais do Japão e da Indonésia, além das próximas ao território taiwanês, conforme mostra as figuras 2 e 3.

⁵ Do original: “Indeed, deployment of warships to the waters near Taiwan did send an unmistakable message regarding U.S. interest in peace even if Washington refused to define the precise mission of those ships. To some observers this appeared to have fundamentally undermined ambiguity, whether for good or ill.²⁸ To others it seemed a perfect illustration of ambiguity in action.”

Figura 2: Mapa das áreas delimitadas para a condução das operações do EPL em 2022 comparadas com as áreas em 1995-96.



Fonte: Ministério da Defesa Nacional, Conselho de assuntos oceânicos e Agência de Notícias Xihua da China. (Tradução nossa)

Figura 3: Trajetória dos mísseis lançados em 2022.

Trajetória dos mísseis lançados pela China

Projéteis voaram sobre ilha pela primeira vez



Fonte: Ministério da Defesa do Japão

Fonte: Jornal o Globo.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/08/taiwan-acusa-a-china-de-cruzar-limites-maritimos-com-navios-e-avioes-de-guerra.ghtml>

2. A GRANDE ESTRATÉGIA DA CHINA

“Uma revolução não é uma festa, ou escrever um ensaio, ou pintar um quadro, ou fazer um bordado. Ela não pode ser muito refinada, vagarosa e suave, nem comedida, gentil, cortês, discreta e magnânima. Uma revolução é uma insurreição, um ato de violência, mediante o qual uma classe subjuga a outra.” (Mao Tsé-Tung)⁶

Mao Tsé-Tung, grande estrategista e revolucionário, conhecido como o grande líder da revolução socialista chinesa, tirou em 1949 os nacionalistas do poder e fundou o República Popular Chinesa (RPC). Mao tem uma história sangrenta e heroica que vem desde a Guerra Civil chinesa, na década de 20, até a expulsão dos japoneses no fim da Segunda Guerra Mundial. (FRAVEL, 2019, p. 1, tradução nossa)⁷ Após a Segunda Guerra, principalmente devido à intervenção na guerra da Coreia e à divergência ideológica com os Estados Unidos, a China continental (República Popular Chinesa) foi de certa forma excluída da recém-criada ONU. A representação chinesa na ONU era atribuída ao governo de Taiwan (denominada República Chinesa), liderado pelo nacionalista Chiang Kai-shek, e até meados da década de 70, os Estados Unidos e seus aliados tentavam tratar as “duas Chinas” como Estados separados. (KISSINGER, 2011)

Nesse contexto, Mao usava uma estratégia ousada. A maioria dos especialistas da época acreditavam que ele iria se voltar mais para questões internas para estabilizar a China após a revolução. Ao mesmo tempo em que ele aumentava o atrito contra os americanos na Guerra da Coreia, principalmente na questão de Taiwan, ele não alimentava uma boa relação com Stalin, cuja ideologia e interesses geopolíticos se afastavam cada vez mais. Aparentemente, Mao confiava que o conflito entre União Soviética (URSS) e Estados Unidos, na Guerra Fria, era grande demais para que ambas as nações se preocupassem com o “Império do Meio”. (KISSINGER, 2011)

Como disse Kissinger, em sua obra “Sobre a China”:

Mao não tinha intenção de entrar para a história pelo sossego que ele proporcionara a sua sociedade. Em vez disso, lançou a China numa série de novas sublevações: dois conflitos com os Estados Unidos no estreito de Taiwan, o início do conflito com a Índia e uma controvérsia ideológica e geopolítica crescente com a União Soviética. (2011, p. 103)

Nesse cenário complexo, é importante ressaltar que Pequim (capital da RPC) e Taipei (capital da RC), reclamavam o governo chinês para si e nunca aceitaram as tentativas ocidentais de tratar os dois governos como Estados separados. Para Chiang Kai-shek, Taiwan era a sede do governo exilado da China que havia sido deposto temporariamente, e para Mao Tse-Tung,

⁶ Retirado da obra de Hedda Garza: Os Grandes líderes – Mao (Garza, 1988)

⁷ Do original: “People’s Liberation Army”

Taiwan era a “província rebelde”, cuja aliança com os estrangeiros representava o último vestígio do “século da humilhação”. (KISSINGER, 2011, p.103-104)

Do ponto de vista estratégico e operacional militar, a “Comissão Militar Central” (CMC) (FRAVEL, 2019, p. 72) do Partido Comunista chinês abandona a antiga estratégia baseada em infantaria leve e passa a adotar uma estratégia que aliava o emprego combinado de apoio aéreo, naval e o conjugado infantaria mais carro de combate (este último de modo a prover ação de choque e proteção blindada à infantaria). Essa modernização em suas forças foi feita junto ao apoio soviético, porém, em que pese os soviéticos terem provido especialistas para guiar os chineses na modernização de suas forças, os líderes chineses rejeitaram alguns aspectos doutrinários de seus aliados, principalmente os relativos à ofensiva e a política de “atacar primeiro”. Nesse contexto, os chineses adaptaram o uso do conjugado infantaria mais carro de combate apoiados pelo fogo aéreo e naval, em sua doutrina de “‘iludir o inimigo profundamente’, [...] ‘defesa ativa’ e o princípio de ‘ganhar controle atacando depois’ (*houfa zhiren*)” (FRAVEL, 2019, p. 73 e 98, tradução nossa⁸). Essa nova estratégia era fundamentada na ideia de defender a China de uma possível invasão americana, por mais que na época essa invasão parecesse improvável. Como mostra Fravel, de 1950 a 1958, a força aérea chinesa e a frota naval cresciam a taxas de 12,2 e 5,8 por cento, respectivamente. Da mesma forma, artilharia, unidades blindadas, tropas de engenharia e de defesa química cresciam à medida que as unidades de infantaria diminuía em porcentagem. (FRAVEL, 2019)

Nesse contexto de modernização do Exército Popular de Libertação (EPL), aliadas às reformas Maoístas, eclodem as duas primeiras crises no estreito de Taiwan. De forma geral, as crises foram motivadas pela disputa das ilhas de Matsu e Quemoy, ocupadas pelas forças da República Chinesa (RC), que, segundo Kissinger, não tinham valor político ou estratégico e serviram apenas para o governo da RPC, por um lado, testar o compromisso norte-americano em defender Taiwan e, por outro, testar o compromisso da União Soviética com a aliança chinesa, frente a nova política de “coexistência pacífica” de Krushev. O resultado dessa crise foi a abertura do diálogo com os Estados Unidos e o afastamento da URSS das relações com a China, juntamente com o fim da cooperação nuclear em 1959 e a volta, para a Rússia, dos técnicos que estavam apoiando a modernização chinesa, em 1960. (KISSINGER, 2011)

Em setembro (1959), Krushev e Mao encontram-se em Pequim, mas não chegam a nenhum acordo; eles nunca mais se reunirão novamente. A União Soviética suspendeu o auxílio tecnológico e financeiro à China. (Garza, 1988, p. 74)

⁸ Do original: “‘luring the enemy in deep’, [...] ‘active defence’ and the principle of ‘gaining control by striking afterwards’ (*houfa zhiren*)”.

Em 1969, um conflito fronteiriço entre China e URSS, conhecido como crise do rio Ussuri, começou a escalar e a URSS, que havia destruído um batalhão chinês em Xinjiang, chegara a enviar 42 divisões para a fronteira. Segundo Kissinger, apesar das tensões terem se apaziguado, principalmente com a intervenção e aproximação americana, a situação foi bem complexa e quase eclodiu em uma guerra entre os dois gigantes comunistas. (KISSINGER, 2011, p. 215-220)

“Hoje está claro, por exemplo, que em outubro de 1969 Mao acreditava que o ataque fosse tão iminente que ordenou que todos os líderes (exceto Zhou, necessário para tocar o governo) se dispersassem pelo país e alertassem as forças nucleares chinesas, por mais ínfimas que fossem.” (Kissinger, 2011)

No fim da década de 60, com a guerra do Vietnã ocorrendo no Sul da China e esses atritos reais com a URSS ocorrendo na fronteira Norte, finalmente Mao se viu em um cenário que colocaria a China em uma guerra com dois fronts. No entanto, graças a abertura do diálogo com os EUA, conseguido após a segunda crise do estreito de Taiwan, e, principalmente, a política de Nixon, começa uma aproximação diplomática entre China e EUA. (KISSINGER, 2011) Foi nesse contexto que Nixon declara que tinha “interesse estratégico na sobrevivência de um grande país comunista com o qual não mantivéramos nenhum contato significativo por vinte anos e contra o qual havíamos lutado uma guerra e nos envolvido em dois conflitos militares”. (KISSINGER, 2011, p.145) Claro que essa aproximação foi feita com grande cautela, afinal a diferença ideológica ainda existia e as memórias da guerra da Coreia e das crises no estreito de Taiwan ainda estavam bastante recentes. (KISSINGER, 2011) Nesse contexto, a estratégia militar chinesa muda novamente, agora o slogan da Comissão Militar Central (CMC) se tornou “‘resistir no Norte, abrir no Sul’ (*beiding, nanfang*)”. (FRAVEL, 20, p. 101, tradução nossa⁹)

A partir de 1965, Mao começa a mudar o tom nos discursos sobre os EUA, ao mesmo tempo que Nixon faz declarações sobre a necessidade de reaproximação com a China, como no artigo que escreveu na *Foreign Affairs*, em outubro de 1967: “Simplesmente não podemos nos dar ao luxo de deixar a China para sempre fora da família das nações, ali, cultivando suas fantasias, acalentando seus ódios e ameaçando seus vizinhos. Não existe lugar nesse pequeno planeta para que um bilhão de seus cidadãos potencialmente mais capazes vivam em raivoso isolamento.” (KISSINGER, 2011, p.135)¹⁰

⁹ Do original: “resist in the north, open in the south” (*beiding, nanfang*).

¹⁰ O artigo pode ser encontrado na íntegra no site: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/1967-10-01/asia-after-viet-nam>. (Acesso em 19 de julho de 2022)

Em 25 de outubro de 1971, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou, na resolução 2758, o reconhecimento da RPC como detentora do assento chinês na organização (ONU, 1971), e as relações entre China e EUA melhoram ainda mais, principalmente após a visita de Nixon à China, em 1972. Começava surgir uma cooperação estratégica, mas o cenário ainda era complexo e diversas facetas não poderiam ser deixadas de lado, como o caso de Taiwan, por exemplo. Apesar disso, segundo Kissinger, na década de 70, “Pequim foi mais favorável aos Estados Unidos agindo vigorosamente contra os planos soviéticos do que a maior parte da população americana ou do Congresso.” (2011, p. 181)

Com o fim da era Mao a china entra em uma crise de sucessão política, que dura até o fim da década de 70. Crise essa que era reflexo da “Revolução Cultural” que, por sua vez, foi fruto da estratégia de Mao de “iludir profundamente” os membros de seu partido, os colocando uns contra os outros para que nenhum tivesse um poder hegemônico sobre o partido. (FRAVEL, 2022, cap.4) Nesse contexto, Deng Xiaoping, que havia sido exilado em 1969, acusado de “ser elitista e ter tendências revisionistas”, foi perdoado por Mao e nomeado *vice premier*, porém, em 1976, foi exilado novamente quando Hua Guofeng assumiu interinamente o governo. Essa complexa crise entre os membros do partido comunista chines só se estabilizou quando Hua foi sucedido por Deng Xiaoping, que havia voltado do exílio, em 1978. (GARZA, 1988) Deng ficou à frente da RPC até 1989.

Deng Xiaoping inicia uma série de reformas econômicas e culturais na China e tinha a forte convicção de que a China precisava importar a tecnologia estrangeira e criar uma China moderna, sem deixar de lado os ideais de sua grande nação. Nesse sentindo, Deng viaja para os EUA e visita diversas instalações fabris, como: uma linha de montagem da Ford, *Hughes Tool Company* e a fábrica da Boeing. (KISSINGER, 2011, p.230)

Na década de 1980, com a União Soviética (URSS) perdendo força, China e EUA começam a ver essa oportunidade de forma diferente. Enquanto EUA, de Reagan, queriam aproveitar essa oportunidade para partir para a ofensiva e pressionar a URSS, a China via na situação da URSS uma oportunidade de reequilibrar a balança do poder mundial e entrar com mais força na já decadente bipolaridade. Isso resultou em um novo afastamento da China, no campo geopolítico, dos EUA, principalmente quando a China começou a se reaproximar da URSS em 1985. Segundo Kissinger, um relatório da Agência Central de Inteligência americana (CIA), descrevia a China como: “‘manobrando no triângulo’ ao cultivar laços mais estreitos com a União Soviética por meio de uma série de encontros de alto escalão”. (2011, p.249)

Apesar disso, no campo econômico, EUA e China continuavam em uma crescente de investimentos e parcerias. No entanto, essa modernização chinesa começara a trazer ideias

divergentes aos interesses de Deng e culminaram na famosa tragédia da praça de Tiananmen, em 03 de junho de 1989. Cenário que começou a alimentar a visão de uma China autoritária e teve uma reação internacional severa contra o governo de Deng. Da mesma forma, a tragédia mudou a forma como a China via seu relacionamento com o exterior. Nesse complexo cenário, coincidência ou não, Deng passa o poder para Jiang Zemin, em junho de 1989. (KISSINGER, 2011)

“Um verdadeiro intelectual”, como disse Deng a Kissinger, Jiang Zemin tenta se reaproximar dos EUA após o ocorrido na praça de Tiananmen. Segundo Kissinger, para Jiang:

“Não há grandes problemas entre a China e os Estados Unidos, exceto Taiwan”, insistia. “Não temos disputas de fronteiras; na questão de Taiwan, o Comunicado de Xangai determinou uma boa fórmula.” [...] “No que diz respeito à China, as portas estão abertas. Estamos prontos para reagir a qualquer gesto positivo por parte dos Estados Unidos. Temos muitos interesses em comum.” [...] A história chinesa demonstra que, quanto maior a pressão, maior a resistência. Como sou um estudioso de ciências naturais, tento interpretar as coisas segundo as leis das ciências naturais. A China tem 1,1 bilhão de pessoas. O país é grande e tem grande momento linear. Não é fácil fazer com que avance. [...] na praça Tiananmen. O governo chinês não estivera “mentalmente preparado para o episódio”, explicou, e o politburo ficara inicialmente dividido.”, explicou. (2011, p. 283-84)

Com a assunção de Jiang ao poder e a tentativa de reconciliação, um impasse importante permanecia. Segundo Kissinger, enquanto os EUA “insistiam na aplicabilidade de seus valores” (de que “o mundo entrava em uma era da ‘pós-soberania’ em que as normas internacionais de direitos humanos prevaleceriam sobre as prerrogativas tradicionais de governos soberanos”), a China insistia que sua ideologia de “socialismo híbrido e ‘democracia popular’” deveria ser aceita como marca de sua soberania e que ela deveria ser tratada em “termos iguais como uma grande potência”. Para Jiang, com o esfriamento da Guerra Fria, “fatores ideológicos não são importantes nas relações de Estado”. (KISSINGER, 2011, p.285-286)

Nesse contexto, para o alto escalão chinês o posicionamento sobre direitos humanos é inerentemente filosófico e baseado em uma conduta moral específica de cada cultura. Diante dessa ideia, seria muito complicado impor uma conduta moral nova à China que tem uma história milenar e grandes pensadores que influenciam sua cultura e conduta moral. Pensadores esses ainda mais antigos que os pensadores greco-romanos que fundamentam o pensamento e cultura ocidental. Como fala o premiê Li Peng a Kissinger:

Com respeito às três áreas que o senhor mencionou, podemos falar sobre direitos humanos. Mas, devido a enormes diferenças entre nós, duvido que algum progresso maior seja possível. O conceito de direitos humanos envolve tradições e valores morais e filosóficos. Estes são diferentes na China, do que são no Ocidente.

Acreditamos que o povo chinês deva ter mais ideais democráticos e desempenhar um papel mais importante na política domésticas. Mas isso deve ser feito de um modo aceitável pelo povo chinês. (Kissinger, 2011, p. 291)

Outro fator importante no pensamento estratégico chinês é a sua posição quanto à “hiperpotência” americana após o fim da Guerra fria, principalmente com a vitória massiva da OTAN na Guerra do Golfo (1990-1991). Kissinger, demonstra essa visão em sua obra ao citar a fala do diplomata Qian Qichen:

Acreditamos ser impossível que um mundo tão unipolar venha a existir. Alguns parecem crer que, após o fim da Guerra do Golfo e da Guerra Fria, os Estados Unidos podem fazer qualquer coisa. Não acho isso correto. [...] No mundo muçulmano há 1 bilhão de pessoas. A China tem uma população de 1,1 bilhão. A população do Sul da Ásia é de mais de 1 bilhão. A população da China é maior do que a população dos Estados Unidos, da União Soviética, da Europa e do Japão combinadas. Assim, continua a ser um mundo diversificado. (Kissinger, 2011, p. 291)

É justamente nesse complexo cenário, em que: no campo diplomático China tenta se reaproximar dos EUA, mas sem renunciar a suas ideologias; no campo militar, há uma resistência de ambas as partes que impede a interação entre as forças; e no campo econômico, continua a forte interação fomentada na era Deng, que estoura a terceira Crise do Estreito de Taiwan.

2.1 A GRANDE ESTRATÉGIA DE 1993.

A partir de 1993, a China passa a focar sua estratégia militar em o que Fravel chamou de “ganhando guerras locais sob o contexto do uso de altas tecnologias modernas” (2019, p. 182, tradução nossa¹¹). Nesse capítulo iremos explorar essa grande mudança estratégica militar feita pela Comissão Militar Central (CMC) da China que é: fruto de uma reforma militar e política; inspirada na grande vitória da coalizão americana sobre as forças do Iraque na guerra do Golfo; decorrente da mudança no contexto estratégico chinês, com a praticamente extinta ameaça na fronteira norte, graças à dissolução da União Soviética. (FRAVEL, 2019, cap. 6)

Diferentemente das estratégias anteriores, a nova estratégia chinesa não se baseia na defesa de uma possível ameaça estrangeira a seu território, e sim na supressão imediata de incidentes repentinos que ocorram em seu território, como uma possível revolta em Hong Kong, Shangai ou uma ameaça de independência em Taiwan. Do ponto de vista operacional, o foco agora era em “operações integradas com ataques estratégicos” (*zhengti zuozhan, zhongdian daji*). (FRAVEL, 2019)

¹¹ Do original: “winning local wars under modern especially high-technology conditions.”

Nesse contexto, Fravel diz que Jiang Zemin deixa claro em um de seus discursos que a nova estratégia militar chinesa está focada na: “defesa da soberania do território nacional e dos direitos e interesses marítimos, bem como na salvaguarda, reunificação da pátria e na estabilidade social, além de prover forte garantia de segurança para reformas, abertura e modernização.” (2019, p. 182, tradução nossa¹²) Deixando clara a importância que o governo dá a questão de Taiwan e dos conflitos no mar do sul da China.

Essa nova estratégia militar se desenvolve ao longo da década de 90, até 2003, quando sofre uma nova pequena alteração fruto do peso que as inovações na área de informática trouxeram às operações militares e das lições que estavam sendo aprendidas ao se observar a Guerra do Iraque, iniciada em março de 2003. (FRAVEL, 2019)

Durante a crise do estreito de Taiwan em 1996, a Comissão Militar Central (CMC) da República Popular da China (RPC) estava em um processo de implementação da nova doutrina que havia sido alterada em 1993, justamente para se prevenir de situação como a que estava ocorrendo. Desse modo, é lógico supor que a crise do estreito contribuiu para a implementação e desenvolvimento da doutrina, à medida que trouxe uma aplicação direta dela em um cenário de ameaça real à RPC.

Quanto à instabilidade política que motivou essa mudança estratégica, é importante ressaltar a estratégia do partido chinês para garantir a lealdade do EPL. Após o desastre ocorrido na praça de Tiananmen, uma tensão crescente se formava nas forças armadas chinesas, bem como uma desestabilização partidária com a “saída” de Deng e entrada de Jiang. Para solucionar o problema, Deng iniciou em 1989, uma intensa investigação em todo o oficialato chinês. Segundo Fravel, “até outubro de 1990, todos os oficiais de patentes de nível regimento ou maior tinham sido investigados” para garantir a sua fidelidade e posicionamento partidário. Outra medida tomada foi uma intensa rotação e aposentadoria compulsórias de militares em todas as sete regiões militares do país. Yang Baibing, secretário geral da CMC à época, tomou conta dessas manobras indo pessoalmente em diversas regiões militares. O fruto dessa reforma e unificação partidária e militar, foi justamente a instituição de uma nova estratégia militar para as forças chinesas em 1993, já mencionada anteriormente. (FRAVEL, 2019) Na verdade, pode-se supor que a mudança doutrinária foi usada como uma justificativa plausível para as reformas políticas feitas no EPL.

¹² Do original: “defend national territorial sovereignty and maritime rights and interests, safeguard the reunification of the motherland and social stability, and provide strong security guarantees for reform and opening, and modernization.”

De modo geral, enquanto Jiang se preocupava com a política externa e com o rumo que a China tomaria após sua nomeação em 1989, Deng usava sua influência política e poder para estabilizar o partido e o EPL, após a instabilidade causada pelo ocorrido na praça Tiananmen. (FRAVEL, 2019)

2.2 ALTERAÇÕES A PARTIR DE 2004

Segundo o Major General Robert H. Scales Junior: “O microchip está alterando a forma como os exércitos lutam tão profundamente como o motor à gasolina e o rádio o fizeram quando tiraram os exércitos de seus pés e montarias para veículos aéreos e terrestres.” (2000, p. 93, tradução nossa¹³) Se buscarmos algo mais clássico, podemos achar a celebre frase de Carl Von Clausewitz em “Da Guerra”, livro 8: “cada era teve o seu próprio tipo de guerra, as suas próprias condições limitadoras e as suas próprias predisposições peculiares”. (p. 703)¹⁴

Nesse contexto, em 2004, ocorreu um grande encontro da CMC no qual foram definidos alguns ajustes para a grande estratégia de 1993, principalmente devido ao emprego das novas tecnologias da informação nas guerras que afetaram sobremaneira o comando e controle das tropas. Observando a Guerra do Iraque que ocorria desde março de 2003, a CMC determinou que o emprego da “informatização” no EPL fosse “enriquecido e melhorado”. (FRAVEL, 2019) O conceito utilizado pela CMC, na verdade é mais amplo, com diz Fravel:

“Informatização” é uma tradução estranha do termo “Xinxihua”, em chinês. Na China, informatização é um conceito usado nacionalmente no meio civil e militar para descrever a transição da era industrial para a era da informação gerada pelo desenvolvimento, difusão, e aplicação da tecnologia da informação. (2019, p. 219, tradução nossa¹⁵)

Nessa reunião de 2004, Jiang Zemin deixa clara a sua intenção de investir em uma base militar capaz de vencer guerras locais limitadas sob o contexto do “uso de tecnologias da informação”, alterando sutilmente o termo utilizado em 1993, “uso de altas tecnologias modernas”. Essa mudança reflete diretamente no novo entendimento da CMC de que “a base

¹³Do original: “The microchip is altering the way armies fight just as thoroughly as did the gasoline engine and radio by lifting armies off their feet and mounting them inside land and aerial vehicles.”

¹⁴ Tradução do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle – obtida no site amigos da marinha, pelo link: <https://www.amigosdamarinha.com.br/wp-content/uploads/2018/04/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz.pdf> <Acesso em 30 de julho de 2022>

¹⁵ Do original: “‘Informatization’ is an awkward translation of the Chinese term ‘xinxihua.’ In China, informatization is a national-level concept used in civil as well as military affairs to describe the transition from the Industrial Age to the Information Age generated by the development, spread, and application of information technology.”

das tecnologias modernas é justamente a tecnologia da informação” e que, dessa forma, “a informatização se tornará a forma básica de guerra do século XXI.” (FRAVEL, 2019)

Além dessa alteração, a CMC também mudou o seu entendimento sobre operações conjuntas, que tinha sido implementado em 1993. Em 2004, a CMC usou o termo “operações conjuntas integradas” dando mais importância à necessidade de “integração” entre as forças em uma campanha de emprego conjunto, em vez de apenas a necessidade de uma “coordenação” entre elas. Em consequência a essas sutis alterações na estratégia de 1993, a CMC traçou um planejamento para promover a informatização do EPL e guiá-la até 2020. (FRAVEL, 2019)

Alinhado com as mudanças implementadas por antecessor Jiang, Hu Jintao, em seu discurso na CMC em junho de 2006, fala que as “guerras locais sob o contexto do uso de tecnologias da informação são um confronto entre sistemas de sistemas e a forma básica de operação é a integração das operações conjuntas.” (FRAVEL, 2019, p. 220, tradução nossa¹⁶)

No contexto político, a passagem do poder de Jiang para Hu Jintao (na presidência) e Wen Jiabao (como primeiro-ministro) teve maiores reflexos na estratégia chinesa. Segundo Kissinger, após o governo de Jiang, a relação sino-americana deixou de girar em torno de como seria a relação em si, e passou a se tornar uma relação direta de “coexistência cooperativa”, em que pese as convicções ideológicas distintas. China e EUA parecem ter percebido que “eram grandes demais para serem dominados, especiais demais para serem transformados e necessários demais um ao outro para permitir o luxo do isolamento”. (KISSINGER, 2011)

Hu e Wen assumiram uma China diferente da de Jiang. No início do século XXI, a China não era mais apenas uma nação com potencial para se tornar uma grande potência, e sim uma potência.

Segundo Kissinger, o grande desafio para os novos líderes políticos da RPC seria estabilizar o crescimento chinês com o interesse dos chineses no exterior. Para isso, Hu e Wen se voltaram para os ensinamentos de Confúcio e buscaram a criação de uma sociedade “moderadamente próspera” (do chinês: “*xiaokang*”). Assim sendo, “Hu concluiu que a harmonia social devia ser uma diretriz de seu governo” e “diferentemente dos EUA que tratam as questões econômicas apenas do ponto de vista das exigências do crescimento global, a China tem que considerar as implicações políticas, tanto domésticas como internacionais.” (2011, p. 309)

¹⁶Do original: “‘Local wars under informatized conditions are a confrontation of systems of systems and the basic form of operations is integrated joint operations.’”

Por fim, outro fator importante é a aparente percepção de que, para os chineses, o jogo de poder entre as nações está sendo feito de forma “justa” e de acordo com as cartas impostas no anárquico teatro internacional de nações. E como disse Hu em um pronunciamento à ONU, em 2005:

“A China irá, como sempre, se conformar aos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas, participar ativamente nos assuntos internacionais e cumprir suas obrigações internacionais, e trabalhar com outros países na construção de uma nova ordem política e econômica internacional que seja justa e racional. A nação chinesa ama a paz. O desenvolvimento da China, em lugar de ferir ou ameaçar qualquer um, pode servir unicamente à paz, à estabilidade e à prosperidade comum do mundo.” (KISSINGER, 2011, p. 313)

2.3 CENÁRIO ATUAL

Atualmente, a simetria de poder entre China e EUA está ainda maior. De 1996 até 2017, a China saiu de um cenário de grande desvantagem em um possível conflito com Taiwan, para um cenário de paridade ou até vantagem, mesmo considerando a intervenção americana no conflito. É possível perceber que a paridade das forças americanas e chinesas, limitado ao cenário de conflito em Taiwan, está mais simétrica em todos os níveis operacionais, de forma geral. Isso não quer dizer que a China esteja equiparada militarmente aos EUA, porém, em um estudo cujo escopo seja um conflito local e limitado, principalmente levando em consideração o estreito de Taiwan, uma maior simetria é percebida (HEGINBOTHAM, 2015) Essa análise de desempenho será estudada em mais detalhes no capítulo 3.

No campo político, em 2014, Xi Jinping assume a presidência da RPC, substituindo Hu Jintao, e uma nova perspectiva na relação sino-americana começa a se formar. No entanto, devido à proximidade temporal, a análise da grande estratégia fica prejudicada, tendo em vista que não há fatos históricos que sustentem uma tese ou outra. Apesar disso, é importante mencionar alguns fatos relevantes sobre a relação China-EUA-Taiwan.

Com a assunção do presidente Donald Trump em 2017, a relação entre EUA e China se tornou mais instável, cenário que se agravou ainda mais com o início da “pandemia chinesa”, como disse Donald Trump em diversos discursos ao longo do ano de 2020 e 2021. A pandemia teve origem em Wuhan, em dezembro de 2019, persiste ainda hoje com diversas ondas de aumento e diminuição de casos e suas consequências no cenário mundial são ainda incertas.

No campo estratégico militar, a história recente parece ainda mais instável e de difícil análise. Principalmente com o conflito entre Rússia e Ucrânia iniciado em março de 2022, que colocou uma pressão tremenda no sistema internacional e seu desenrolar ainda é incerto. Nesse cenário a China se posiciona de forma aparentemente ambígua, o que não facilita sua relação

com os EUA. Além disso, recentes posicionamentos norte-americanos, inclusive uma aproximação com Taiwan, tem gerado uma instabilidade ainda maior na relação sino-americana.

De modo geral, a história parece se repetir em ciclos. Novamente China se aproxima da Rússia à medida que se afasta dos EUA. Nesse vai e vem diplomático, a China parece estar sempre em uma posição pragmática de aliar-se com o mais favorável a seus interesses independentemente de diferenças ideológicas ou conflitos geopolíticos. A estratégia de “iludir profundamente o inimigo” de Mao, citada anteriormente, parece estar renascendo com um pano de fundo diferente nas ações de Xi Jinping. Ou será que não? É difícil fazer qualquer tipo de análise suficientemente concreta, do ponto de vista acadêmico, sobre o tema devido à proximidade temporal e incerteza de variáveis. No entanto, a questão de Taiwan parece ser sempre pivô nas relações sino-americana. Observe que mesmo com uma guerra na Europa eclodindo e a China apoiando o aparentemente o “vilão” da história, o que fez a relação com os EUA se instabilizar, na verdade, foi o posicionamento estadunidense com relação à Taiwan e os “alertas” de Biden à Xi Jinping sobre o assunto.

3. A GRANDE ESTRATÉGIA DE TAIWAN – EUA

“Por mais de um século, o controle de Taiwan tem refletido o balanço de poder entre Pequim, Tóquio e, eventualmente, Washington” (TUCKER, 2005, pág. 44)¹⁷

Governada pelo império japonês, após ser tomada dos chineses, a primeira grande reviravolta que a Ilha Formosa sofre no século XX foi justamente a chegada dos refugiados políticos do Partido Nacionalista da China (KMT - *Kuomintang*) em 1949, que se aproveitaram da infraestrutura deixada pela dominação nipônica para criar o que chamamos hoje de Taiwan. (FEDERSSEN, 2020)

Com a chegada do KMT em 1949, entre um e dois milhões de soldados e civis se estabeleceram em uma ilha previamente habitada por seis milhões de pessoas, assumindo o controle total dos monopólios, empresas e terras de propriedade anteriormente japonesa. O Partido então distribuiu terras anteriormente pertencentes ao Japão e a seus inquilinos. (FEDERSSEN, 2020, pág. 56)

Na década de 50 a indústria de Taiwan começou a ser desenvolvida, diversos projetos de incentivo de exportação foram criados e a ilha começou a desenvolver-se rumo a contemporaneidade. Segundo Federssen: “O objetivo era incentivar a economia através de um esforço em três frentes — substituição de importações, aumento das exportações e incentivo à entrada de capital chinês vindo do exterior.” (2020, pág. 57)

Os Estados Unidos tiveram uma importância essencial no desenvolvimento de Taiwan apesar de não terem sido a única condição para esse crescimento. Na verdade, é importante perceber como a ilha utilizou de forma eficiente os benefícios econômicos recebidos dos americanos. Da década de 50 até 60 a indústria pesada e de manufaturados da ilha se desenvolveu. Na década de 70, finalmente o plano final de desenvolvimento entra em prática e a ilha começa a investir em indústrias de ponta para alcançar uma certa especialização industrial, porém, sem deixar de observar a importância da indústria de base. O principal alvo da estratégia econômica foi a indústria de eletrônicos e eletrodomésticos. (Federssen, 2020)

Segundo Federssen:

Tal estratégia baseava-se em joint-ventures, que provaram ser bem-sucedidas e mostraram aos investidores estrangeiros em potencial que o governo poderia ser confiado para manter acordos, permitir o repatriamento de lucros e, em geral, ser útil ao capital. Em um exemplo envolvendo [...] o setor automobilístico, o governo optou por orientar as empresas privadas por intermédio de requisitos de entrada, controle e tarifas de importação, e requisitos de conteúdo doméstico, no período inicial, sem o

¹⁷ Do original: “For more than a century, control of Taiwan has reflected the balance of power among Beijing, Tokyo and, eventually, Washington.”

uso de empresas públicas ou apoio financeiro subsidiado, pois o mercado era muito pequeno na época. [...] Dedicadas às exportações, eram compostas por poucas grandes montadoras advindas de investimento exterior e muitos fornecedores de componentes, locais e privados. Isso foi possível devido ao governo impor requisitos de conteúdo local, para impedir que empresas estrangeiras apenas montassem produtos com peças importadas e, ao mesmo tempo, facilitar acordos de joint-ventures e cooperação técnica. (2020, pág. 58)

Em 1973, foi criado o Instituto de Pesquisa em Tecnologia Industrial. Em 1977, o Parque Industrial da Ciência de Hsinchu é inaugurado. Em 1980, foram lançados diversos programas para incentivar a graduação e para atualizar a tecnologia industrial da ilha. Tudo isso, indica uma clara intenção de reduzir a dependência da Ilha Formosa de tecnologias que venham do exterior e é possível observar também que, desde a década de 50, Taiwan vem buscando desenvolver sua indústria focando no desenvolvimento de tecnologia industrial de ponta. (Federssen, 2020)

3.1 RELAÇÃO TAIWAN – EUA

“É nossa proposta [dos Aliados] que o Japão devolva todas as ilhas que foram conquistadas ou ocupadas a partir de 1914 no Pacífico e, que esses territórios sejam devolvidos à República da China, como a Manchúria, Formosa e Pescadores.”. (ROOSEVELT, 1943 apud TUCKER et al. 2005, pág. 50)¹⁸

Nesse capítulo, abordaremos de forma sucinta como ocorreu a relação geopolítica, econômica e militar entre EUA e Taiwan, desde a década de 70. Será comentado como a aproximação entre EUA e China no governo Nixon impactou essa relação. Para isso, utilizaremos como principal fonte a obra de Nancy B. Tucker (2005)

Com a aproximação entre Estados Unidos e China, na década de 70, materializada pela visita do presidente Nixon, fica claro que os EUA não se colocaram em uma posição de envolvimento direto no conflito entre China e Taiwan. Na verdade, o que parece mais importante para os EUA é focar na política de “uma só China” e tentar ao máximo não intervir na relação entre China e Taiwan para não correr o risco de comprometer suas relações econômicas com a RPC. Essa política foi reafirmada pelo presidente Clinton na crise de 1996, quando disse em discurso, que a política é boa para os EUA, RPC, Taiwan e toda a região. (QIMAO, 1996) No entanto, segundo Tucker: “Taiwan é um dos pontos focais mais perigosos no Pacífico asiático e esse problema poderia levar a um possível conflito entre EUA e China.”

¹⁸ Do original: “It is their [the Allies] purpose that Japan shall be stripped of all the islands of the Pacific which she has seized or occupied since the beginning of the First World War in 1914, and that all territories Japan has stolen from the Chinese, such as Manchuria, Formosa, and the Pescadores, shall be restored to the Republic of China”

(2005, pág. 162)¹⁹ Esse problema se dá justamente pela controversa cooperação entre EUA e Taiwan, principalmente a cooperação no que tange à segurança da ilha. (TUCKER, 2005) Como poderia os EUA afirmar que atendem a uma política de não intervenção e em “uma só China” e, ao mesmo tempo, manter um comprometimento extraoficial na defesa da Ilha Formosa?

Em que pese o acordo de defesa mútua de 1954 tenha sido abortado com a aproximação na década de 70 dos EUA e China, os EUA fizeram um acordo em 1979 (*Taiwan Relation Act* – TRA) mantendo diversas políticas de defesa da ilha. Segundo Tucker, especialistas do pentágono consideram a relação entre Pequim e Washington em contraste com a relação extraoficial com Taipei, uma das relações de política externa mais complicadas dos EUA. (TUCKER, 2005, p. 162-163)

Com a quebra formal do acordo de defesa mútua entre Taipei e Washington, em 1979, os EUA passaram, em tese, a agir na defesa da ilha de forma extraoficial, basicamente com a venda de armas e visitas de autoridades para tratar exclusivamente das vendas dessas armas. Não seria permitido a visita oficial de autoridades acima do posto de coronel. No entanto, em 1993, a administração Clinton, iniciou um processo de revisão nas políticas para Taiwan e modificou alguns protocolos permitindo eventuais encontros de autoridades oficiais de nível de gabinete à Taiwan. Essas mudanças de política fizeram com que o presidente de Taipei, Lee Teng-Hui fosse visitar os EUA em 1995, ato que acabou culminando na terceira crise do estreito (1995-1996). (TUCKER, 2005)

Após a crise de 1996, a relação entre Taiwan e EUA se fortaleceu, principalmente após a administração Bush. Segundo TUCKER:

A relação de cooperação entre EUA-Taiwan sofreu dramáticas mudanças ao longo dos últimos 50 anos, mudando novamente após a crise do estreito de 1995-96. O que permanece igual, porém, é o delicado balanço que os EUA procuram atingir ao lidar com a questão China-Taiwan. Por um lado, Washington está tentando fortalecer a dissuasão ao ajudar nas capacidades de defesa de Taiwan promovendo as reformas de defesa da ilha. Por outro, os EUA buscam reafirmar a Pequim que não suportam a independência de Taiwan e continuam aderindo à política de “uma só China”. (2005, pág. 170)²⁰

Atualmente, a relação entre EUA e Taiwan está baseada, além da venda de armas, em: visitas de oficiais de defesa militares e civis, intercâmbios educacionais, observação e

¹⁹ Do original: “TAIWAN is one of the most dangerous flashpoints in the Asia Pacific and the issue most likely to lead to conflict between the United States and China”

²⁰ Do original: “The U.S.–Taiwan security cooperation relationship has undergone a series of dramatic changes throughout the past fifty years, shifting once again since the 1995–96 Taiwan Strait Crisis. What has remained the same, however, is the delicate balance that the United States seeks to strike in dealing with the China-Taiwan issue. On the one hand, Washington is trying to strengthen deterrence by helping to improve Taiwan’s defence capabilities and further the island’s defence reforms. On the other, the U.S. seeks to reassure Beijing that it does not support independence for Taiwan and continues to adhere to a “one China” policy.”

exercícios militares combinados, visitas de times de avaliação das forças armadas, entre outros. Apesar disso, os EUA parecem achar que a ilha está se desenvolvendo muito lentamente no que tange à defesa militar, principalmente na criação de um sistema de defesa antimísseis. Alguns especialistas argumentam que essa lentidão se dá justamente pela divisão de opiniões dos líderes da ilha, tanto militares como civis. (TUCKER, 2005)

Recentemente, em 02 de agosto de 2022, a presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, visitou Taiwan sob protestos da China continental. Tal ato desencadeou uma série de reações da RPC, inclusive com exercícios militares muitos similares aos realizados na crise do estreito de 1996. A grande diferença do cenário atual é o poder militar chinês, comparado ao americano, e as tensões geradas na Europa com a guerra da Ucrânia. Tudo indica que estamos no início do que será chamado de quarta crise do estreito de Taiwan.

De modo geral, é possível observar uma certa ambiguidade no posicionamento americano quanto à questão de Taiwan, principalmente depois do reconhecimento da RPC como representando da cadeira chinesa na ONU na década de 70, pois, ao mesmo tempo que formalmente os EUA defendem uma política de “uma só China”, eles apoiam militarmente Taiwan, a fim de influenciar a China contra uma possível mudança no *status quo*. Assim sendo, apesar das narrativas expostas na mídia, e do posicionamento de alguns políticos americanos, formalmente há um entendimento de que o território de Taiwan faz parte da China e teoricamente, seria uma questão interna chinesa. Apesar disso, não se pode deixar de lado a importância que os EUA dão à manutenção do atual *status quo*, considerando a importância de Taiwan e da China para o mercado internacional.

3.2 ESTRATÉGIA AMERICANA PARA A ÁSIA E O PACÍFICO

Nesse capítulo iremos abordar a estratégia americana para o pacífico, principalmente no que tange à sua competição com a China por influência. Será feita uma análise sucinta com a intenção de demonstrar o complexo teatro da região de forma mais global.

Inicialmente podemos dividir a influência em três grandes áreas: diplomática e política; econômica; e militar e segurança. Neste âmbito, a influência chinesa se sobressai no campo econômico, enquanto a americana no campo diplomático e militar.

Do ponto de vista diplomático, é possível perceber uma clara influência chinesa no Vietnã, em que pese a opinião pública ser claramente mais influenciada pelos EUA. Países como: Japão, Índia, Austrália, Singapura, Filipinas e Indonésia, tem um alinhamento maior com as políticas americanas e uma maior proximidade diplomática com os EUA. Já países como

Malásia e Tailândia tendem a manter uma política mais neutra entre os dois países, apesar da opinião pública tender levemente para o país sínico. (LIN, 2020, p. 38)

No campo econômico, o cenário muda completamente. De forma geral, a maioria dos países asiáticos veem uma grande oportunidade econômica na indústria chinesa e tendem a criar mais políticas econômicas com a China que com os EUA. Salvo algumas exceções como Japão e Índia, a maioria dos países asiáticos tem um certo nível de dependência econômica com a China. É justamente nesse campo (econômico) que se configura o grande desafio americano na disputa por influência no pacífico. (LIN, 2020)

Em se tratando de segurança e do campo militar, os países asiáticos se sentem mais ameaçados pela China que pelos Estados Unidos, fato que torna o interesse por intercâmbios e cooperações militares com os EUA maior, de maneira geral. Além disso, a maior capacidade militar americana influencia positivamente sua influência, tendo em vista a ameaça já citada. (LIN, 2020) Em que pese o balanço de poder entre EUA e China ser mais simétrico quando se trata de áreas próximas ao território **chinês**, como nos mares do sul da China e região de Taiwan, conforme relatório da RAND Corporation. (HEGINBOTHAM, 2015) Apesar disso, a percepção é de que os EUA estariam interessados em apoiar militarmente mais países como Austrália, Japão, Singapura e Filipinas e menos países como Vietnam, Tailândia, Índia e Malásia. (LIN, 2020)

Assim, enquanto o crescimento econômico chinês continuar maior que o americano e os seus investimentos em defesa continuarem crescendo, há uma tendência de que a assimetria entre o poder americano e chinês diminua, fato que tornará cada vez mais desafiadora a estratégia americana para a Ásia e para o pacífico. É importante, no entanto, levar em consideração que, a longo prazo, eventos econômicos, tecnológicos ou políticos podem influenciar esse cenário. (HEGINBOTHAM, 2015) Como está, por exemplo, ocorrendo atualmente com a influência da pandemia de Covid-19, e com a visita de Nancy Pelosi à Taiwan (2022).

3.3 A ESTRATÉGIA TAIWANESA

Eu espero que a China continental não interprete mal ou julgue mal a situação atual, ou pense que isso pode fazer com que os taiwaneses cedam à pressão. Em uma sociedade democrática, esse tipo de pressão é sentido por todos. O governo sozinho não pode tomar a decisão. O governo deve buscar a vontade do povo antes de tomar qualquer decisão. (Tsai Ing-wen, 2016)²¹

²¹ Do original: “I also hope that mainland China does not misinterpret or misjudge the current situation, or think that it can make Taiwanese bow to pressure. In a democratic society, this kind of pressure is felt by all. The government alone cannot make the decision. The government must seek out the will of the people before it makes any decisions.”

Nesse subcapítulo, iremos apresentar alguns estudos sobre a estratégia taiwanesa de defesa, no cenário atual. Abordando alguns dos principais investimentos feitos pela ilha Formosa nos últimos anos, a fim de dissuadir a China contra uma possível invasão à ilha.

Atualmente a estratégia taiwanesa tem focado em defender-se de um ataque chinês no estreito de Taiwan ou até mesmo em sua costa. A ideia principal de Taipei é investir em uma defesa assimétrica, focada no emprego de mísseis anticruzeiros, minas marítimas, mísseis superfície-ar e de aviação (caracterizada pela compra de 66 caças F-16V em 2019 dos EUA). Essa defesa, segundo Grossman é chamada de Conceito Geral de Defesa (do original: *Overall Defense Concept*) e foi aprovada a partir de 2019 pela presidente Tsai Ing-wen. (GROSSMAN, 2022)

Outra questão levantada por Grossman é justamente o desejo do povo taiwanês de defender a ilha Formosa em uma eventual invasão chinesa, tendo em vista principalmente a divisão da ilha entre separatistas e unionistas. Somado a isso, pesquisas recentes dão conta que cerca de 53,8% dos taiwaneses maiores de 20 anos duvidam de uma possível intervenção americana em cenário de invasão chinesa. Desde a mudança da conscrição militar na ilha para 100% de voluntariado, Taiwan vem tendo dificuldades no recrutamento de jovens. Em vista disso, além de ser influenciado pela guerra da Ucrânia (2022), o ministro da defesa Chio Kou-cheng vem propondo o aumento do período de conscrição militar de quatro meses para 1 (um) ano. (GROSSMAN, 2022)

Outra fraqueza no que tange à defesa taiwanesa é a inexistência de armas nucleares, que poderiam ser capazes de dissuadir uma eventual invasão chinesa. (GROSSMAN, 2022) Claro que uma eventual sinalização de que a ilha Formosa esteja iniciando investimentos nessa área poderiam gerar uma reação mais contundente da china continental.

Outro conceito que surge, quando se fala da defesa da Ilha Formosa, é a ideia de “Escudo de Silício”, levantada por Craig Addison. A ideia central é que o domínio industrial de Taiwan sobre a fabricação de semicondutores poderia se provar crucial para uma decisão negativa quanto a uma possível invasão chinesa, tendo em vista a importância estratégica dessa indústria no comércio internacional. (ADDISON, 2001) Atualmente, cerca de 92% da produção global de semicondutores menores de 10 nanômetros é feita na ilha, tornando-a a principal fornecedora para a fabricação de microprocessadores utilizados em tecnologias de ponta. (AL JAZEERA, 2022)

É possível perceber que, em que pese a importância econômica e a especificidade da indústria taiwanesa influencie a RPC a não intervir no *status quo*, a diferença no poder militar

é gritante, mesmo com o apoio americano com adestramento e venda de armamentos de ponta. Como será mostrado no capítulo 3, o poder aéreo local só seria equilibrado caso houvesse uma intervenção militar americana em defesa de uma possível invasão da RPC a RC.

Além disso, o fator que poderia equilibrar um pouco mais a balança de poder seria o investimento taiwanês em armas nucleares, porém tal ato poderia ser a desculpa necessária que a RPC estaria esperando para poder intervir e alterar o *status quo*.

4. COMPARAÇÃO DE FORÇAS E DESDOBRAMENTOS

Nesse capítulo faremos uma breve comparação de forças entre EUA e China, levando em consideração as forças taiwanesas. Por fim, explicitaremos alguns dos principais aspectos geopolíticos que tornam a relação China-EUA-Taiwan tão complexa e ambígua.

4.1 COMPARAÇÃO DE FORÇAS

Segundo Madeleine Albright, a China “é, em sua própria categoria — grande demais para ser ignorada, repressora demais para ser admitida, difícil de influenciar e muito, muito orgulhosa” (KISSINGER, 2011)

Nas últimas décadas, o EPL vem se transformando de um exército tradicional e antiquado para uma força moderna e informatizada. Em que pese ele ainda estar atrás das forças armadas americanas em quase todos os aspectos, certamente a simetria entre as duas forças está cada vez mais próxima. É importante ressaltar que existem diversas variáveis intangíveis que são difíceis de mensurar na comparação entre as forças. Apesar disso, a fim de tentar mitigar essa intangibilidade, a *RAND Corporation* realizou um estudo, em 2015, baseado na análise de 10 domínios operacionais e na utilização de uma metodologia consistente para se tentar chegar a uma comparação mais tangível entre as duas forças. (HEGINBOTHAM, 2015) Em virtude do exposto, esse estudo será nossa principal fonte de estudo neste subcapítulo, porém nós focaremos no que tange a Taiwan, deixando de lado a parte do estudo relativa aos atritos no mar do sul da China (Ilhas Spratly).

A partir da morte de Mao, em 1976, o EPL começou a mudar sua doutrina militar, que era basicamente baseada no emprego de infantaria, conforme já explicado no capítulo 2. Em 1993, essa doutrina sofre uma significativa alteração, baseada nos aprendizados deixados pela guerra do Golfo, que é acelerada com a terceira crise do estreito de Taiwan em 1996. A modernização das forças armadas chinesas a partir de 1996 até 2015 chega a patamares de 11% ao ano e tem como principais focos o investimento nas forças navais e aéreas, em mísseis balísticos e em capacidade cibernética. (HEGINBOTHAM, 2015)

Em contrapartida, os Estados Unidos não têm focado no desenvolvimento de suas forças no cenário asiático, principalmente após o atentado de 11 de setembro de 2001 que fez com que seu esforço principal de investimento se voltasse para o cenário do oriente médio. Apesar disso, a partir de 2015 os investimentos para o cenário asiático começam a aumentar novamente. (HEGINBOTHAM, 2015) Recentemente, após a eclosão da guerra entre Ucrânia e Rússia (2022), os norte-americanos estão aparentemente mais preocupados com o cenário asiático e com uma possível ameaça à alteração do *status quo* em Taiwan.

Apesar da China diminuir a distância entre as forças, a diferença ainda é marcante. Por exemplo, em 2015, os EUA investiram 560 bilhões de dólares em defesa contra apenas 142 bilhões da China. Além disso, enquanto a China contava com apenas um porta-aviões em 2015, os EUA tinham 10 porta-aviões e ainda contava com 9 navios de assalto anfíbio capazes de suportar aeronaves de asas fixas. (HEGINBOTHAM, 2015) Em que pese esse cenário ser um pouco diferente em 2022.

Apesar disso, o fator que favorece o EPL é o fato de que, enquanto a RPC está preocupada basicamente com o leste asiático, principalmente com a questão de Taiwan e das ilhas Spratly no mar do sul da China, as forças americanas se envolvem em diversas situações em todo o planeta, atuando na América, no Oriente Médio, Europa e Ásia. (HEGINBOTHAM, 2015)

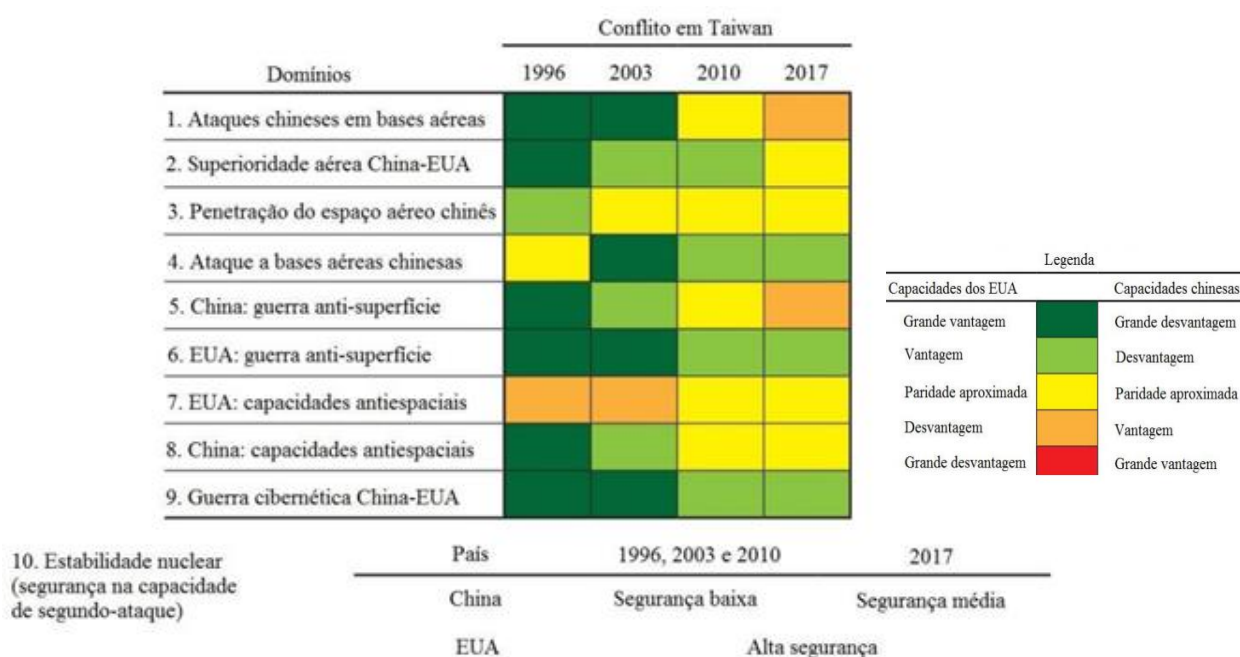
Após essa breve introdução, iremos expor nos próximos parágrafos as análises sobre os 10 domínios, quais sejam:

1. A capacidade chinesa de atacar bases aéreas e a avaliação de sua capacidade de negar às forças americanas o uso de bases aéreas avançadas;
2. Campanhas aéreas sobre Taiwan avaliada a capacidade relativa das forças aéreas dos EUA e do EPL para obter superioridade aérea;
3. A penetração dos EUA no Espaço Aéreo Chinês avaliada a capacidade dos EUA de penetrar nas defesas aéreas chinesas;
4. Capacidade dos EUA de atacar bases aéreas chinesas avaliada a capacidade dos EUA de atacá-las e degradar as operações da base aérea;
5. A ações de Guerra anti-superfície Chinesa avaliada a capacidade do EPL de destruir ou danificar porta-aviões dos EUA ou outros navios de guerra;
6. Capacidades de guerra anti-superfície dos EUA versus navios de guerra chineses avaliada a capacidade dos EUA de destruir navios anfíbios e de escoltas chineses;
7. Capacidades de defesa do espaço dos EUA versus sistemas espaciais chineses avaliada a capacidade dos EUA de negar ou inibir o uso de satélites pela China;
8. Capacidades de defesa do espaço chinês versus sistemas espaciais dos EUA avaliada a capacidade da China de negar ou inibir o uso de satélites pelos EUA;
9. As capacidades de guerra cibernética dos EUA e da China avaliadas as capacidades relativas das forças dos EUA e do EPL para obter uma vantagem militar nas operações cibernéticas; e

10. A Estabilidade Nuclear Estratégica dos EUA e da China avaliada a capacidade de ambos os lados de sobreviver e retaliar contra um ataque nuclear. (HEGINBOTHAM, 2015, sumário, tradução nossa)²²

A ideia do estudo realizado pela RAND Corporation, não é esgotar o assunto e abordar todos os possíveis cenários de conflito entre China e EUA, mas sim analisar o que parecem ser os cenários mais prováveis em um possível conflito. De modo geral, esses cenários e domínios estão baseados na busca pelas superioridades aérea, marítima e informacional. (HEGINBOTHAM, 2015)

Figura 4: Balanço de Forças Estados Unidos-China



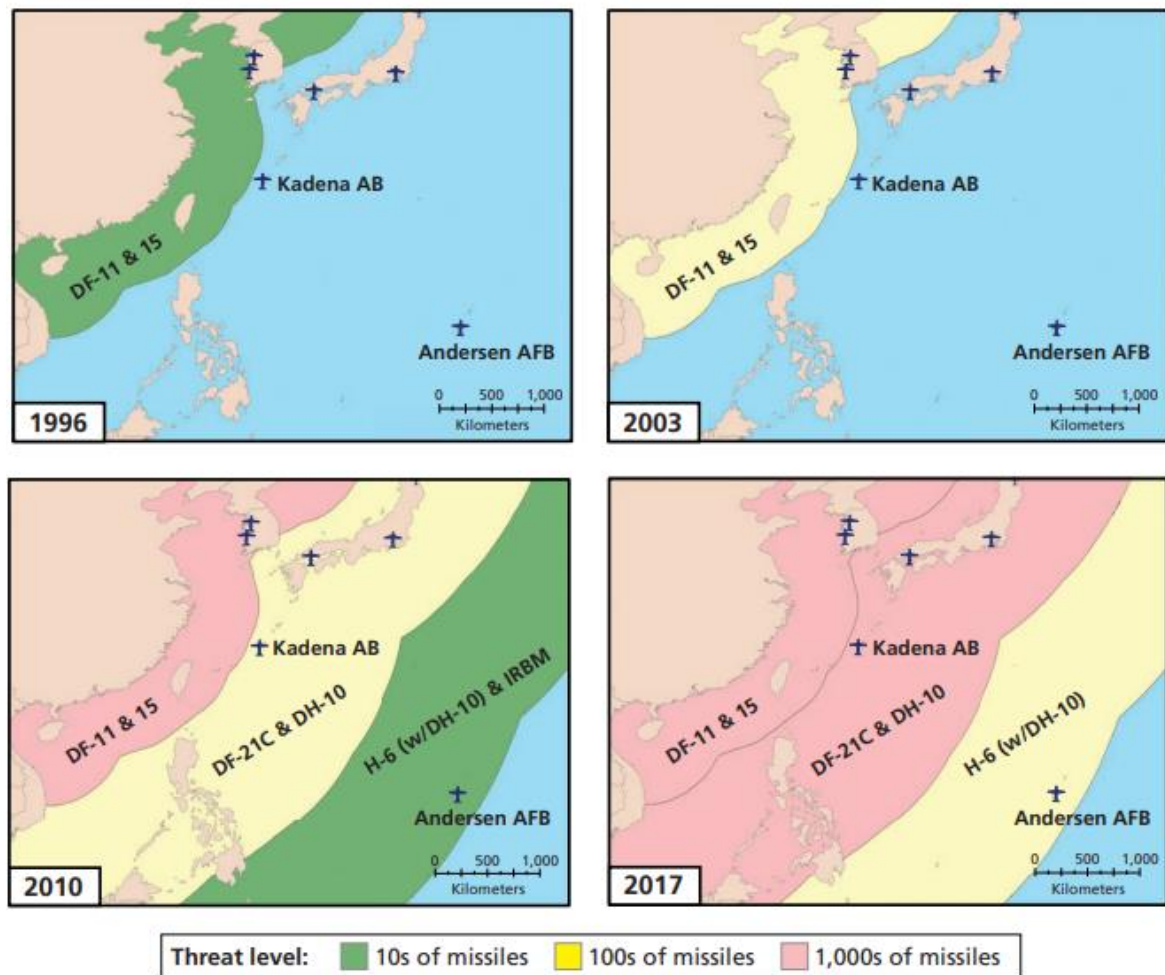
Fonte: RAND China Score p.358, tradução²³

²² Do original: “1: Chinese Capability to Attack Air Bases evaluates the PLA’s capability to deny U.S. forces the use of forward air bases; 2: Air Campaigns Over Taiwan and the Spratly Islands evaluates the relative capability of U.S. and PLA air forces to gain air superiority; 3: U.S. Penetration of Chinese Airspace evaluates the U.S. capability to penetrate Chinese air defenses; 4: U.S. Capability to Attack Chinese Air Bases evaluates the U.S. capability to attack Chinese air bases and degrade air base operations; 5: Chinese Anti-Surface Warfare evaluates the PLA’s capability to destroy or damage U.S. aircraft carriers or other warships; 6: U.S. Anti-Surface Warfare Capabilities Versus Chinese Naval Ships evaluates the U.S. capability to destroy Chinese amphibious ships and escorts; 7: U.S. Counterspace Capabilities Versus Chinese Space Systems evaluates the U.S. capability to deny or inhibit China’s use of satellites; 8: Chinese Counterspace Capabilities Versus U.S. Space Systems evaluates China’s capability to deny or inhibit U.S. use of satellites; 9: U.S. and Chinese Cyberwarfare Capabilities evaluates the relative capability of U.S. and PLA forces to gain a military advantage from cyber operations; e 10: U.S. and Chinese Strategic Nuclear Stability evaluates the capability of both sides to survive and retaliate against a nuclear attack.”

²³ A tradução foi retirada do estudo crítico de Priscila Gonçalves Schelp, UFRGS. Título: “Balanço de Forças Estados Unidos-China: estudo crítico do relatório da Rand Corporation”. Devido ao foco do estudo na questão de Taiwan, foi omitida a parte referente as ilhas Spratly. Os originais da Rand Coorporation e da Pricila G. Schelp se encontram anexadas ao fim do estudo.

No primeiro domínio, é importante observar que o EPL tem o mais ativo programa de mísseis balísticos do mundo, que utiliza tanto mísseis convencionais como mísseis dotados de armas nucleares. Esse largo programa da segunda artilharia chinesa, aliado à crescente precisão nos mísseis balísticos chineses, ameaça sobremaneira a capacidade operativa estadunidense em um cenário em que precise utilizar porta-aviões ou bases aéreas terrestres na região do pacífico do Oeste. É possível observar de forma clara a possível ameaça às bases aéreas da região com a figura a seguir. (HEGINBOTHAM, 2015)

Figura 5: Ameaça da segunda artilharia chinesa as bases aéreas no pacífico do Oeste.



Fonte: RAND China Score p.51

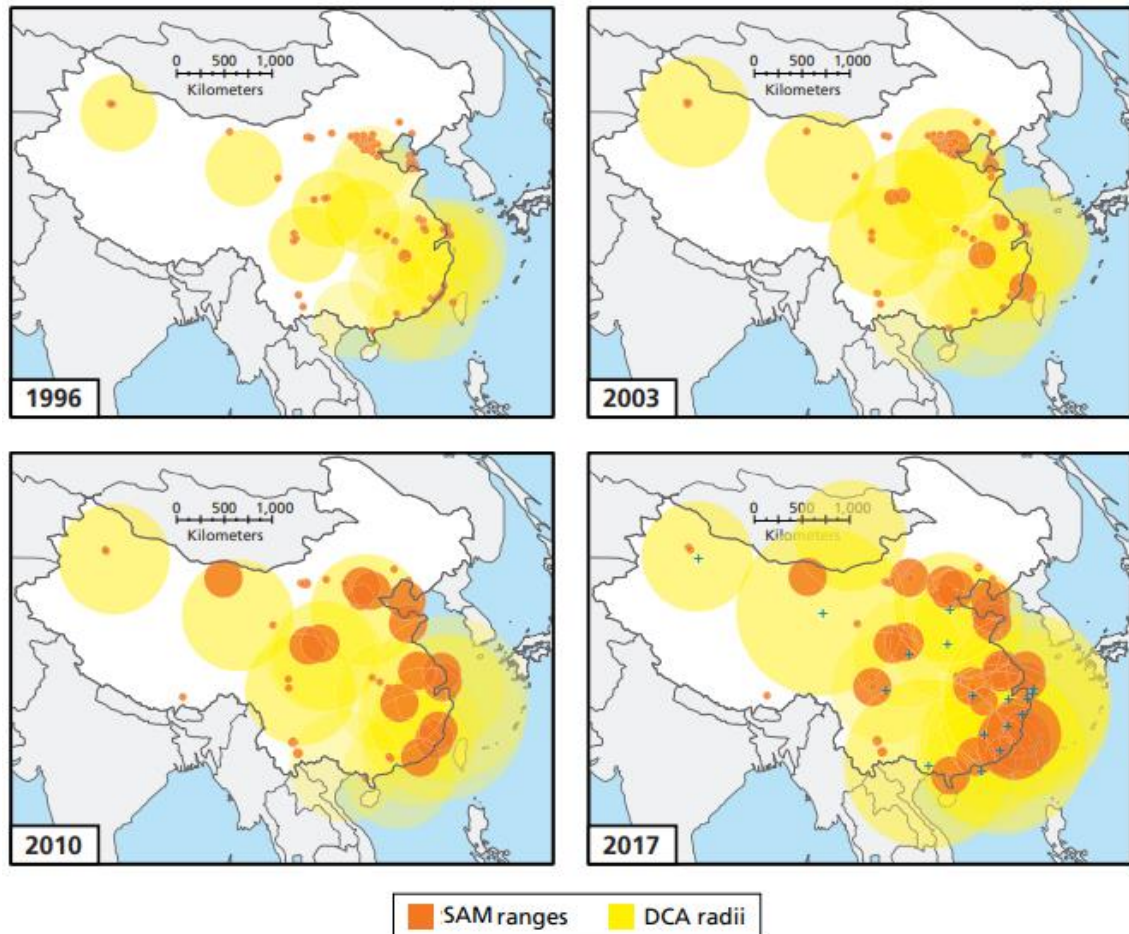
Em vista do exposto, fica clara a vantagem chinesa nesse primeiro domínio, principalmente em um conflito contra Taiwan, observada a proximidade da ilha ao continente,

e a capacidade do EPL para negar o uso das bases aéreas mais próximas. (HEGINBOTHAM, 2015)

Quanto à superioridade aérea, o principal desafio de Taiwan é justamente a proximidade com a China continental. Existem mais de 40 bases aéreas no continente capazes de lançar sua força aérea. Em 2015, a China contava com aproximadamente 700 aeronaves de terceira geração e 700 de quarta geração, além de contar com quase 500 bombardeiros. Nos cenários analisados pela RAND, em uma campanha de 21 dias, há uma paridade entre as forças, tendo em vista que o poder aéreo necessário para garantir a superioridade aérea americana, começa a atingir o limite de capacidade de bases aérea locais. (HEGINBOTHAM, 2015) Talvez uma análise mais atualizada possa mostrar um cenário bem diferente atualmente.

Em se tratando da penetração americana no espaço aéreo chinês, aeronaves de quinta geração como o F-22 e F-35 poderiam penetrar com relativa segurança o espaço aéreo chinês, porém a pequena quantidade de aeronaves, bem como as crescentes demandas de uma guerra iriam limitar seu uso. Outro fator é a densidade e a redundância do sistema de defesa antiaérea chinesa na região próxima ao estreito de Taiwan. Além disso, o crescente desenvolvimento dos sistemas de defesa antiaérea chinesa aliado com os mísseis de superfície para o ar (MSA ou SAM, do inglês “*Surface-to-Air-Missile*”) dificultariam bastante a penetração americana, conforme demonstrado na figura **abaixo**. (HEGINBOTHAM, 2015) Observe que a densidade e redundância do sistema de defesa na região próxima a ilha Formosa são bem maiores que no resto do país.

Figura 6: Cobertura aérea da defesa antiaérea e dos mísseis superfície-ar chineses



Fonte: RAND China Score p. 109

Quando se analisa a capacidade americana de atacar bases chinesas, o cenário pela primeira vez fica mais favorável aos americanos. Em que pesa os cenários de superioridade aérea e penetração estarem equiparados, graças ao enfoque americano em mísseis de cruzeiro, a capacidade ofensiva acaba se sobressaindo. (HEGINBOTHAM, 2015)

Dessa forma, no domínio da busca pela superioridade aérea, é possível observar um equilíbrio. Enquanto, por um lado, há uma clara vantagem nas ações ofensivas contra as bases chinesas ou americanas, por outro há um equilíbrio na defesa antiaérea a uma possível penetração aérea americana ao território chinês.

Quanto à superioridade marítima, no que tange à guerra anti-superfície chinesa contra a marinha americana, o sistema de defesa balística com mísseis antinavios do EPL ganha cada vez mais capacidades e acurácia, a partir da terceira crise do estreito, em 1996. Segundo a

RAND, os mísseis de cruzeiro antinavios chineses tiveram um dramático crescimento em capacidade ao longo dos últimos anos, sendo capazes de se aproximar a uma baixa altitude (entre 5 e 10 metros da superfície) e acertar seus alvos a 2.000 km seja por um impacto na linha da água ou mergulhando no fim de sua trajetória. A proximidade de Taiwan, também favorece o alcance dos mísseis, tendo em vista que os navios americanos iriam acabar tendo que estar mais próximos do continente para poderem apoiar a ilha.

A RAND analisa outras variáveis como a capacidade dos submarinos chineses, a localização dos principais portos da armada chinesa. De modo geral, a conclusão é que apesar da marinha americana ter capacidade de se defender utilizando vários meios, esses meios acabaram mitigando sua capacidade de projeção de força, o que demandaria ainda mais da aviação para garantir essa defesa, em um cenário que, como já vimos anteriormente é de equilíbrio. Assim sendo, concluímos que, no cenário de Taiwan, há uma vantagem na guerra anti-superfície para a china. (HEGINBOTHAM, 2015)

Em contrapartida, quando se analisa a guerra anti-superfície americana contra a marinha chinesa, o cenário é de vantagem para os EUA, principalmente devido à existência de apenas um porta-aviões chinês e da marinha chinesa contar com um total de apenas 89 navios, comparado às capacidades ofensivas americanas. Em que pese os investimentos feitos pela EPL em modernização de pessoal e material, suporte de porta-aviões e tecnologias antissubmarino.

Quanto à superioridade informacional, no que tange à defesa do espaço, é possível observar uma paridade tanto nas capacidades antiespaciais americanas quanto chinesas. Segundo a RAND, em que pese um ataque inicial americano ser questionável, a retaliação a um ataque chinês seria provável. Os principais riscos americanos a ataques chineses nesse domínio seria às comunicações e imagem, enquanto existiria um menor risco contra o sistema de alerta de mísseis. (HEGINBOTHAM, 2015)

Já no domínio cibernético, segundo a *RAND Corporation*, em 2015 os EUA tinham certa vantagem contra a RPC. Segundo a RAND, em um cenário de conflito entre EUA e China, certamente iria incluir o domínio da guerra cibernética. Apesar disso, no conflito há que se pesar a dependência que cada lado tem da rede e a capacidade de se operar com a rede prejudicada ou até fora dela. Dito isso, segundo a *RAND Corporation*, a escalada das ações no domínio cibernético é incerta e pode levar a cenários imprevistos. Além disso, a falta de informações do lado chinês prejudica uma análise mais precisa desse cenário. (HEGINBOTHAM, 2015)

Por fim, o domínio nuclear. Quanto à capacidade de ambos os lados sobreviverem a uma retaliação nuclear e contra-atacarem, a RAND analisa que enquanto os EUA têm uma alta

segurança, a RPC tem apenas uma média segurança. De modo geral, há uma grande assimetria na capacidade nuclear dos países, com os EUA mantendo uma vantagem de 13 vezes o número de ogivas nucleares chinesas. Além disso, os EUA são capazes de atacar com relativa segurança todos os locais conhecidos que tenham armamento nuclear na China, tornando-se capaz de destruir as capacidades nucleares chinesas caso ataque primeiro, enquanto o sistema de defesa americano mingua sobremaneira os ganhos que a China teria em atacar primeiro. (HEGINBOTHAM, 2015)

De modo geral é possível concluir que no cenário de 2015-17, há uma relativa simetria no cenário de conflito entre China e EUA por Taiwan. Em que pese uma improvável guerra nuclear possa inverter completamente esse cenário em favor dos EUA, bem como o cenário da guerra cibernética ser de certa forma incerto. É importante ressaltar que, atualmente, esses cenários podem ter mudado. Afinal, a China já conta com três porta aviões (dados de 2022) e a guerra na Ucrânia sem dúvidas influenciaria de alguma maneira caso o conflito com Taiwan ocorresse.

4.2 DESDOBRAMENTOS

Nesse subcapítulo iremos levantar de forma sucinta alguns aspectos geopolíticos relevantes a se pensar antes de entrarmos nas conclusões finais desse estudo.

Um dos principais aspectos geopolíticos é justamente importância econômica mundial da China e da região onde se encontra Taiwan. Taiwan é o maior produtor de semicondutores mundial e responsável por 90% da produção de semicondutores com transistores menores que 10 nanômetros, essenciais para tecnologias de ponta como celular e computadores. (JAZEERA, 2022) Além disso, os mares ao redor de Taiwan são responsáveis por grande parte do escoamento da produção mundial, haja vista a China ser a segunda maior economia do mundo. Isso por si só já deixa claro a importância da região e as consequências que um conflito armado na região poderia trazer para a economia mundial, ainda mais se esse conflito envolver as duas maiores economias do globo. Economias estas que são interdependentes em diversos setores e, por esse ponto de vista específico, torna o conflito indesejável por ambos os lados.

Do ponto de vista geográfico é importante observar que a proximidade da ilha Formosa e sua pequena dimensão, bem como a grande discrepância de força entre a RPC e a RC, facilitam estrategicamente uma decisiva invasão e tomada da ilha pela China continental, não fosse, entretanto, a ameaça de intervenção americana na defesa da ilha. Em que pese o conflito em áreas urbanas como na capital Taipei ser do tipo que produz cenários mais complexos e demorados. Outro aspecto geográfico importante é justamente a composição da ilha, cujas

planícies estão voltadas para o continente, enquanto a área voltada para o oceano pacífico é composta basicamente por montanhas e movimentos que dificultam a penetração por terra, favorecendo a uma possível invasão oriunda do estreito. Em que pese o complexo cenário que envolve um assalto e desembarque anfíbio. Assim sendo, a ilha sendo reintegrada à China continental, claramente favoreceria a defesa Chinesa contra um inimigo vindo do Leste, ao mesmo tempo que facilitaria o apoio logístico à ilha vindo do continente.

Além disso, aproximadamente metade da população mundial se encontra na região entorno da China, principalmente devido à proximidade com os países mais populosos do mundo como Índia, Indonésia, Paquistão, Bangladesh, Rússia e Japão. O que aumenta a importância estratégica e o impacto de um conflito entre China e EUA, mesmo que regional.

É importante ter em mente que poucos países defendem formalmente a independência de Taiwan, de modo que oficialmente para a maioria dos países, bem como para a China continental o conflito se trataria de uma guerra civil contra uma província rebelde. Afinal, de certa forma, estava implícita uma futura integração de Taiwan à China quando, na década de 70, foi aprovada a política de “uma só China” e a República Popular Chinesa recebeu sua cadeira na ONU em detrimento da cadeira ocupada anteriormente pela República Chinesa.

Os EUA, por sua vez, têm se portado de forma ambígua se posicionando, por um lado a favor da política de “uma só China”, principalmente devido a suas relações econômicas com a China continental, e por outro a favor de Taiwan ao apoiá-la militarmente, talvez motivada pelos seus interesses econômicos na ilha, pelas divergências ideológicas com a China continental e/ou pela ameaça de perder uma hegemonia global já minguante. No entanto, formalmente, como já citado anteriormente, desde a aproximação feita no governo Nixon os EUA não defendem diretamente a independência de Taiwan.

Até países como o Japão, que foi detentor do território de Taiwan da primeira guerra sino-japonesa (1895) até o fim da segunda guerra (1945), não defendem formalmente a independência de Taiwan, em que pese em um cenário de conflito com os EUA, eles acabassem arrastados para uma guerra contra a China devido às bases aéreas americanas localizadas em seu território e que, possivelmente, seriam atacadas pelos chineses.

Já que para a RPC, Taiwan faz parte do seu território e, legalmente, a China seria obrigada a intervir militarmente na ilha, caso ela se autodeclare independente ou caso sejam esgotadas todas as possibilidades de reunificação pacífica. Afinal, a China estaria, nesse cenário, defendendo a sua soberania e integralidade de seu território.

Outro fator importante, já citado, mas que vale a pena ser ressaltado, é justamente o equilíbrio na balança de poder regional. É importante observar, principalmente analisando a

comparação de força entre EUA e China, que cada vez mais os EUA perdem seu poder regional para a China. Essa maior simetria de poder, poderia levar os EUA a agir de diversas formas para impedir que a China cresça o que poderia gerar ainda mais atrito entre os dois países, independente do cenário de Taiwan. Da mesma forma, ações chinesas para diminuir o poder americano poderiam criar tensões possivelmente capazes de modificar o atual *status quo*.

É possível refletir também que a China poderia se valer de uma intervenção em Taiwan para elevar seu *status* nacional. Da mesma forma, que os EUA poderiam intervir em um possível conflito em Taiwan para manter o seu *status* nacional. Como exposto no relatório da RAND Corporation, em 2021:

O status nacional é em grande parte sobre a reputação. Os Estados podem usar intervenções para manter ou construir sua reputação. O status nacional pode conduzir uma intervenção mesmo quando não há ameaça e nenhuma mudança no equilíbrio de poder. Estados preocupados com o status nacional podem usar intervenções para demonstrar força, sua relevância militar, seu lugar ou sua posição relativa na ordem global ou regional. Os Estados podem intervir para exercer sua capacidade de influenciar os resultados das políticas: em outras palavras, para obter uma assento à mesa. Os Estados podem intervir para proteger interesses e bens que são fundamentais para seu status nacional (ou pelo menos para sua percepção de seu status nacional). Até mesmo a participação em intervenções humanitárias multinacionais ou outras intervenções pode ser influenciada pela busca de estatuto nacional. Especificamente, os estados podem ver suas habilidades para participar de operações internacionais como um sinal de relevância no cenário internacional. (HEATH, 2021, tradução nossa)²⁴

Por fim, é importante perceber que a aproximação e afastamento entre China e Taiwan pode ser ditada, mais pelo atual partido que está no poder da ilha ou por uma influência norte-americana, do que por uma divergência ideológica em si. Afinal, os laços culturais entre China e Taiwan parecem ter mais fatores em comum que aproximam as “duas” Chinas e fortalecem suas relações que fatores divergentes que as afastam.

²⁴ Do original: “National status is largely about reputation. States may use interventions to maintain or build their reputation. National status can drive an intervention even when there is no threat and no change in the balance of power. States concerned with national status may use interventions to demonstrate military strength or relevance, or their relative place or rank in either the global or regional order. States may intervene to exercise their ability to influence policy outcomes: in other words, to get a seat at the table. States may intervene to protect interests and assets that are core to their national status (or at least to their perception of their national status). Even participation in multinational humanitarian or other interventions may be influenced by the pursuit of national status. Specifically, states may see their abilities to participate in international operations as a sign of relevance on the international stage.”

CONCLUSÃO

É possível percebermos, pela cronologia dos fatos ocorridos durante a terceira crise do estreito de Taiwan e o atrito que ocorre em 2022, que a China continental tem reagido mais incisivamente quando Taiwan e EUA tentam se aproximar de forma mais direta. Claramente a RPC não quer que o atual *status quo* se modifique em uma direção que favoreça o apoio à libertação da “província rebelde”. Ao mesmo tempo, suas ações parecem ser mais um teste para medir o compromisso norte-americano com a ilha Formosa do que uma clara intenção de invadir Taipei. Além disso, é possível inferir que, caso a ilha se aproxime mais dos EUA, o governo americano poderia ter a desculpa necessária para pôr fim à sua atual posição ambígua, por mais que não se possa afirmar que essa seja a intenção americana. Concomitantemente, Taiwan precisa ser comedida nos seus discursos e ações, para não dar à RPC as justificativas necessárias para que ela intervenha militarmente na ilha, de acordo com os tratados existentes atualmente e a posição da maioria dos países da ONU, tendo em vista a política de “uma só China”.

A princípio é possível perceber, com o desenrolar da terceira crise do estreito em 1995-1996, que a China não parece ser imprudente ao ponto de intervir militarmente em Taiwan sem ter a certeza de que não haveria uma intervenção americana ou uma forte retaliação internacional. No entanto, diferentemente da década de 90, o cenário atual é diferente e a China não é mais localmente inferior ao EUA no que tange a capacidade de projetar poder militar na região. Isso, torna a análise mais imprecisa do ponto de vista comparativo, se tomarmos por base a terceira crise. Ainda assim, pode-se concluir que há uma tendência da China continental se posicionar de forma mais incisiva atualmente e pressionar o sistema internacional mais do que as pressões exercidas durante da terceira crise, haja vista que, em 2022, o sistema já sofre pressões devido ao conflito na Ucrânia; o poder Chinês é maior do que antes; a China tem uma posição econômica pivô no comercio internacional; e os exercícios realizados englobam águas jurisdicionais de Japão e Indonésia.

Quanto às relações entre China e Taiwan, é perceptível que os exercícios realizados pela EPL próximos à ilha influenciaram de alguma forma a relação entre os dois. Principalmente, no que tange ao aumentando dos atritos entre os partidos separatistas e unionistas da ilha, em que pese os partidos separatistas atualmente manterem uma certa vantagem sobre os unionistas.

Quanto à estratégia, aparentemente a crise afetou mais a estratégia taiwanesa do que a estratégia chinesa e americana para a região, tendo em vista o menor número de variáveis que

estão relacionadas com a estratégia da ilha em comparação com as grandes estratégias das duas grandes potências.

Se observarmos com foco em como a terceira crise do estreito influenciou na estratégia **da China** para a região é possível observar duas tendências: a primeira é que no campo diplomático a China tende a tentar manter uma relação próxima, mas pragmática, com EUA, sem renunciar às suas ideologias, sua soberania e seus direitos territoriais sobre a ilha Formosa; a segunda é que no campo militar, a crise parece ter acelerado o processo de modernização e crescimento da EPL iniciado após a guerra do Golfo. Esse crescente poder militar da RPC tem levado a uma escalada na tensão entre China e EUA, principalmente pela ameaça que os EUA parecem enxergar nesse crescimento de poder chinês.

É importante observar que a terceira crise não parece configurar a causa origem da mudança da estratégia militar chinesa na década de 90, porém fica clara que ela foi um catalizador que acelerou o processo de modernização da EPL e serviu para que a China colocasse em prática a nova doutrina e percebesse os principais pontos a serem melhorados para que ele conseguisse manter a defesa da sua soberania na região. Apesar disso, a estratégia de “iludir profundamente o inimigo” e a escassez de dados torna difícil uma análise objetiva, do ponto de vista acadêmico, quanto às reais intenções chinesas.

Aparentemente, a atual estratégia militar chinesa gira em torno de ser capaz de vencer guerras locais e limitadas utilizando cada vez mais uma força conjunta integrada, sob o contexto do uso de tecnologias da informação (por enxergar nessas tecnologias o futuro da forma básica de guerra no século XXI). Se somarmos isso ao complexo cenário geopolítico local e ao fato de que aparentemente há uma percepção de que, para os chineses, o jogo de poder entre as nações está sendo feito de forma “justa” e de acordo com as cartas impostas no anárquico teatro internacional de nações, é possível perceber que a terceira crise do estreito, por mais que tenha tido um peso nas alterações da estratégia chinesa, não parece ser o ponto fulcral para essas mudanças.

Se observarmos com foco em como a terceira crise do estreito influenciou a estratégia **dos EUA** para a região é possível concluir que quando os EUA tentam se aproximar de Taiwan há uma escalada de tensões entre EUA e China. Além disso, enquanto a ambiguidade do posicionamento estadunidense quanto à Taiwan e a ameaça do crescimento de poder militar chinês permanecerem, parece haver uma tendência de EUA e China se afastem cada vez mais. Esse afastamento entre China e EUA torna a estratégia americana para a região cada vez mais desafiadora. Apesar dessa tendência, é possível perceber também que há um certo pragmatismo

na relação entre os dois, ao ponto que EUA e China parecem buscar uma posição que os favoreça independente das diferenças ideológicas.

Se observamos de um ponto de vista mais global, é possível perceber que a terceira crise do estreito teve um papel importante na estratégia americana para a região, porém, com as escaladas das tensões no oriente médio no início do milênio, ela não teve muito impacto na estratégia americana como um todo. Aparentemente, com o foco no oriente médio, os EUA não pareceu ser capaz de impulsionar sua estratégia nas duas frentes. Atualmente é possível perceber uma preocupação maior dos EUA na região, principalmente se observarmos que a intervenção americana no conflito da Ucrânia não pareceu ser tão incisiva quanto os especialistas esperavam. Apesar disso, o cenário é bastante complexo e seria preciso aprofundarmos a análise no que tange à grande estratégia americana para se tomar uma posição mais embasada, do ponto de vista acadêmico, sobre o assunto.

Se observarmos com foco em como a terceira crise do estreito influenciou a estratégia **de Taiwan** é possível concluir que ela teve profundos impactos na estratégia da ilha. De modo geral, a ilha se viu em um cenário de possível anexação ao território chinês e perda da sua parcial soberania. Limitada em meios e território, frente ao crescente poder Chinês, a ilha se vê em uma situação em que o Conceito Geral de Defesa não parece ser suficiente para impedir uma possível invasão chinesa, apesar de contribuir para a dissuadir a China quanto ao custo-benefício de uma invasão à Taiwan. Da mesma forma, ser capaz de investir em um poderio nuclear para impor sua soberania, não parece realista no cenário atual, sem que haja uma retaliação justificada da china continental.

Quanto ao “Escudo de Silício”, é possível perceber que, em que pese a importância econômica e a especificidade da indústria taiwanesa influencie a RPC a não intervir no *status quo*, a diferença no poder militar é muito grande, mesmo com o apoio americano com adestramento e venda de armamentos de ponta, e por isso essa estratégia não parece ser tão efetiva do ponto de vista realista.

Aparentemente, a única maneira da ilha evitar a anexação a longo prazo parece ser manter os laços de apoio com os EUA e esperar que o anárquico cenário internacional não se instabilize ao ponto de impossibilitar uma intervenção americana.

De modo geral, é possível concluir que no cenário projetado para 2017, pelo estudo da RAND em 2015, há uma relativa simetria no conflito entre China e EUA por Taiwan, em que pese uma improvável guerra nuclear possa inverter completamente esse cenário em favor dos EUA, bem como o cenário da guerra cibernética ser de certa forma incerto. Pode-se concluir também, que localmente a China tem uma força relativa em ascensão em detrimento da

diminuição do poder relativo americano. Se em 2015 o cenário já parecia ser de modo geral localmente equiparado, atualmente, com a aquisição de mais 2 porta aviões e as tensões da guerra da Ucrânia, poderia se inferir que o equilíbrio de poder local provavelmente deva estar mais favorável para a China. Claro que, a proximidade temporal, torna a análise do cenário incerto e a falta de dados precisos das forças chinesas impossibilita uma análise objetiva sobre o assunto do ponto de vista acadêmico.

Por fim, é possível concluir que a relação entre China e Taiwan só se modificou após a terceira crise do estreito, à medida que o equilíbrio de poder entre EUA e China foi ficando cada vez mais próximo. Não se pode afirmar, no entanto, que essas mudanças tiveram suas causas na crise em si ou se já eram uma tendência que foi apenas acelerada com a crise. Além disso, tudo indica ser uma questão de tempo até que Taiwan seja anexada à China, e se torne uma nova região administrativa **especial** da China. Se isso ocorrerá daqui a 50 anos como profetizou Mao ou antes, só o tempo responderá.

Quanto às mudanças de estratégia, é preciso levar em conta que elas não ocorreram somente devido à crise do estreito, pois o cenário é muito mais complexo. As estratégias, principalmente a chinesa e americana, envolvem muito mais variáveis que as influenciam diretamente e indiretamente. Pode-se afirmar, no entanto, que a crise do estreito de 1995-1996 parece ter sido um catalisador que acelerou o processo de maturação de uma nova estratégia que já estava sendo implementada na região pelas respectivas partes. Porém, enquanto a estratégia chinesa segue acelerada e com poucos obstáculos pelo caminho, a estratégia americana foi e está sendo retardada por diversos obstáculos como as guerras no Oriente Médio e a atual guerra da Ucrânia, principalmente devido ao posicionamento global em que os EUA se coloca.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Gabriela Graço do. **Análise da diplomacia chinesa: a “ascensão pacífica” e seus questionamentos**. São Paulo: (PUC-SP, UNESP, UNICAMP). Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/enabri/n3v2/a16.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

ADISSON, Craing. **Silicon Shield** – Taiwan’s Protection Against Chinese Attack. Editora Fusion PR, 2001. 239 p., 22 cm. ISBN-13- 978-1928704898.

BAYLIS, J., WIRTZ, J., COHEN, E., & GRAY, C. S. **Strategy in the Contemporary World: An introduction to strategic studies**. Editora OUP Oxford, 2002. 376 p. ISBN-13-978-0198782735.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. CRS REPORT - Updated January 26, 2022. RL42784, v. 139. **U.S.-China Strategic Competition in South and East China Seas: Background and Issues for Congress**. EUA, 2022. 130p. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R42784>. Acesso em: 04 out. 2022.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. CRS REPORT - Updated March 8, 2022. RL33153, v. 261. **China Naval Modernization: Implications for U.S. Navy Capabilities - Background and Issues for Congress**. EUA, 2022. 56p. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/RL/RL33153>. Acesso em: 04 out. 2022.

CLAUSEWITZ, C. V. **DA GUERRA**. Tradução do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle – obtida no site amigos da marinha. Disponível em: <https://www.amigosdamarinha.com.br/wp-content/uploads/2018/04/Da-Guerra-Carl-Von-Clausewitz.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022

DORNELLES Jr., A. C. **A Questão de Taiwan: suas implicações políticas e militares para as relações entre Estados Unidos - Taiwan - China (1991-2004)**. Orientador: Marco Aurelio Chaves Cepik. 2006. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio-Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

FEDDERSEN, G. H. **A questão de taiwan na interação estratégica do leste asiático**. Orientador: José Miguel Quedi Martins. 2016. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais.) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2016. . 78p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158140/001018709.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 out. 2022.

FRAVEL, M. T. **ACTIVE DEFENSE: China's Military Strategy since 1949**. Editora OUP Oxford, 2019. 396 p. ISB-13-978-0691152134.

GARZA, Hedda. **Os Grandes Lideres: Mao Tsé-Tung**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1988. 87 p.

GIBSON, Liam. Taiwan’s ‘silicon shield’: Why island may not be the next Ukraine. **ALJAZEERA**, 01 abr. 2022. Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/economy/2022/4/1/silicon-shield-why-taiwan-is-not-the-next-ukraine>. Acesso em 31 ago. 2022.

GROSSMAN, D., KASTNER, S. L., LEE, S., & SCHREER, B. Stability or Volatility across the Taiwan Strait?: International Security. **International Security**, v. 41, n. 2, p. 192-197, doi:10.1162/ISEC_c_00260, 2016. Publicado por: The MIT Press, 2016.

GROSSMAN, Derek. Ukraine war is motivating Taiwan to better secure its own future: Implications of successful resistance to Russia sure to give Beijing something to worry about. **NIKKEI Asia**, 13 mai. 2022. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Opinion/Ukraine-war-is-motivating-Taiwan-to-better-secure-its-own-future>. Acesso em: 04 out. 2022.

HEATH, T. R., CURRIDEN, C., FREDERICK, B., CHANDLER, N., KAVANAGH, J., et al. **China's Military Interventions: Patterns, Drives, and Signposts**. Santa Monica, Calif., EUA, Editora: RAND Corporation, 2021. 182 p. ISBN: 978-1-9774-0612-5

HEGINBOTHAM, E., NIXON, M., MORGAN, F. E., HEIM, J. L., HAGEN, J. LI, S. T., ENGSTROM, J., LIBICKI, M. C., DELUCA, P., SHLAPAK, D. A., et al. **The US-China Military Scorecard: Forces, Geography, and the evolving balance of power 1996-2017**. Santa Monica, Calif., EUA, Editora: RAND Corporation, 2015. 430 p.

KISSINGER, H. **Diplomacia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013. 880 p. ISBN-13-978-8502175068

KISSIGER, H. **On China**. New York, Editora: The Penguin Press, 2011. 608 p. ISBN-13-978-1846143465.

KISSIGER, H. **Sobre a China**. Rio de Janeiro, Editora: Objetiva Ltda., 2011. 560 p. ISBN-13-978- 8539002993.

LIN, B., CHASE, M. S., BLANK, J., COOPER III, C. A. GROSSMAN, D., HAROLD, S. W., MORONEY, J. D. P., MORRIS, L. J., MA, ORNER, L.P. et al. **Regional Responses to U.S.: China Competition in the Indo-Pacific**. Santa Monica, Calif., EUA, Editora: RAND Corporation, 2020. 140 p. ISBN: 978-1-9774-0518-0

MACHADO, W. O. **A MANOBRA DE CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN 1995-1996. A MANOBRA DE CRISE NO ESTREITO DE TAIWAN 1995-1996**: um estudo comparativo das ações militares da República Popular da China e dos Estados Unidos da América sob a perspectiva da coerção. Orientador: CMG (RM1) André Luiz de Mello Braga. 2020. Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2020. 50 p.

ONU, United Nation Official Document, 08 jul. 1998, seção 53. Disponível em: https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/53/145. Acesso em 19 jul. 2022.

ONU, United Nation Official Document, 25 out. 1971, **1976º encontro do plenário**. Disponível em: [https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2758\(XXVI\)](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/2758(XXVI)). Acesso em 19 jul. 2022.

PORCH, D. (1999). The Taiwan Strait Crisis of 1996: Strategic Implications for the United States Navy. **U.S. Naval War College**, v. 52, n. 3, p. 15-48, 1999. Publicado por: U.S. Naval War College Press, 1999.

QIMAO, Chen. The Taiwan Strait Crisis Its Crux and Solutions. **Asian Survey**, v. 36, n. 11, p. 1055–1066, doi10.23072645635, 1996. Publicado por: University of California Press, 1996.

ROBERT H., SCALES, J. **FUTURE WARFARE** - Antology. Carlisle barracks, Pensilvania, EUA, 2000. U.S. Army War College. ISBN 1-58487-026-5.

SCOBELL, A. **Show of Force**: The PLA and the 1995–1996 Taiwan Strait Crisis. p. 24. 1999.

SILVA, T. D. **A Evolução da Estratégia Naval da China**. A Evolução da Estratégia Naval da China: a consolidação de um Poder Marítimo à luz dos preceitos mahanianos. Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2021.

Taiwanese President Tsai: Taiwan Won't Succumb to China's Pressure. **The Wall Street Journal**. Disponível em <https://www.wsj.com/articles/BL-CJB-29566>. Acesso em 01 set. 2022.

TUCKER, N. **Dangerous strait**: the U.S.—Taiwan—China crisis. New York, Editora: Columbia University Press, 2005.

U.S. Department of Defense. **ASIAN-PACIFIC: MARITIME SECURITY STRATEGY**. 2015 Disponível em: https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/NDAA%20A-P_Maritime_Security_Strategy-08142015-1300-FINALFORMAT.PDF. Acesso em 04 out. 2022.

WIGHT, M. **A Política do Poder**. São Paulo, Editora: Editora Universidade de Brasília, 2002.

WORLDWATCH INST., Washington, DC. Worldwatch Paper 55. 96p. USA, jul. 1983. ISBN-0-910468-54-2. DEUDNEY, D. **Whole-Earth Security**: A Geopolitics of Peace. USA, 1983.

YAMAGUCHI, S. Strategies of China's Maritime Actors in the South China Sea: A Coordinated Plan under Leadership of Xi Jinping. **Open Edition Journals**, p. 23-31, . 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/chinaperspectives/7022>. Acesso em 04 out. 2022.

ANEXOS

Anexo 1: Figura 2 original



Anexo 2: Figura 4 original

Figure 12.11
Scorecard 10 Summary Coding

Scorecard	Taiwan Conflict				Spratly Islands Conflict			
	1996	2003	2010	2017	1996	2003	2010	2017
1. Chinese attacks on air bases								
2. U.S. vs. Chinese air superiority								
3. U.S. airspace penetration								
4. U.S. attacks on air bases								
5. Chinese anti-surface warfare								
6. U.S. anti-surface warfare								
7. U.S. counterspace								
8. Chinese counterspace								
9. U.S. vs. China cyberwar								

10. Nuclear stability (confidence in secure second-strike capability)	Country	1996, 2003, and 2010	2017
	China	Low confidence	Medium confidence
	U.S.	High confidence	

NOTES: In the case of the nuclear stability scorecard, our analysis and metrics focus primarily on second-strike survivability, an important (though not the only) determinant of crisis stability. Because we evaluate survivability from both sides, and survivability, even on the U.S. side, does not necessarily correlate positively with U.S. advantage, no color-coding is employed.

Key for Scorecards 1–9		
U.S. Capabilities		Chinese Capabilities
Major advantage		Major disadvantage
Advantage		Disadvantage
Approximate parity		Approximate parity
Disadvantage		Advantage
Major disadvantage		Major advantage